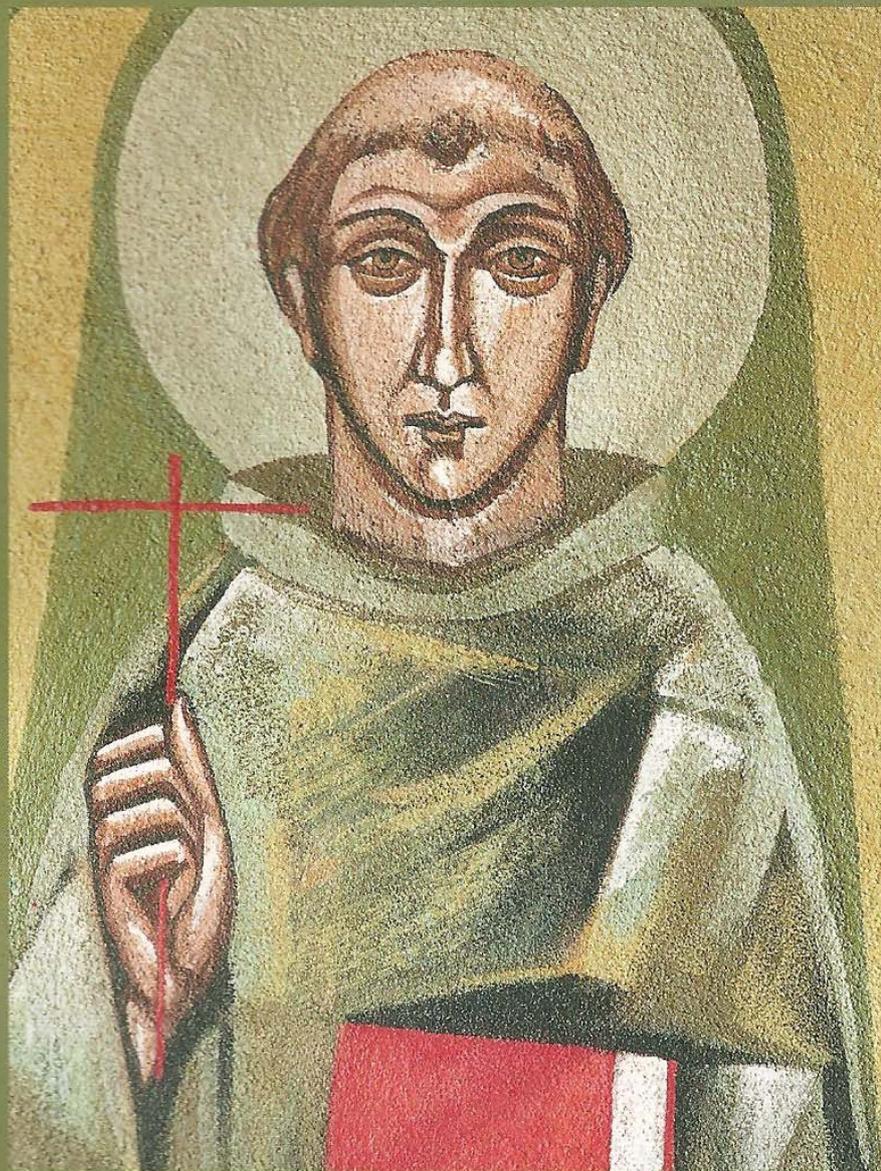


HERÓI DO PERDÃO



*Relatos de uma vida transformada
pela coragem de perdoar*

por D. Robson Medeiros Alves, OSB



EDIÇÕES LUMEN CHRISTI
RIO DE JANEIRO

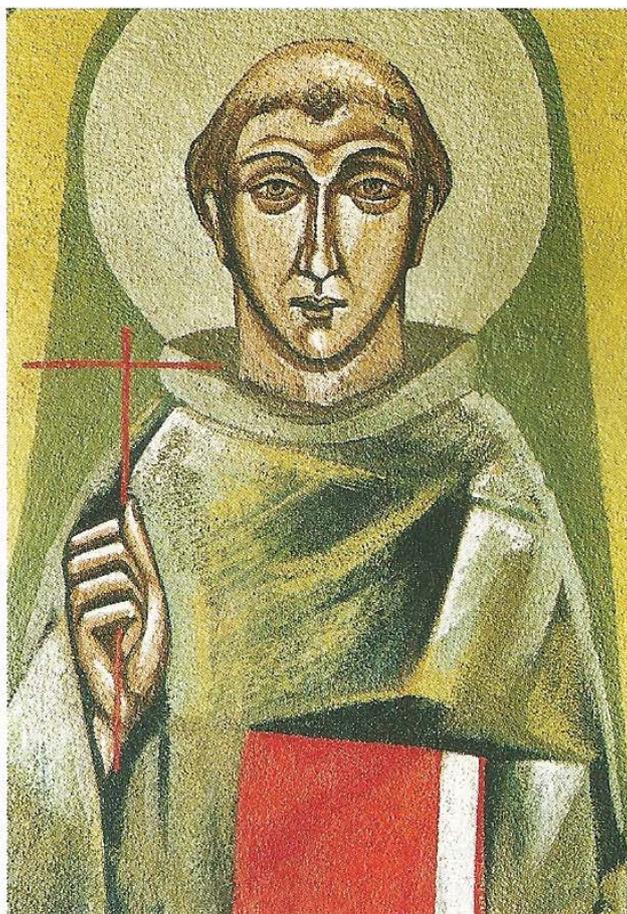
Este livro visa a difundir a figura de um grande Santo, que se distingui pelo perdão concedido ao inimigo.

Perdoar é *per-donare*, é doar até o extremo, doar não a quem merece, mas sim a quem não merece. Isto é divino; com efeito lembra o Apóstolo que, “quando estávamos mortos por nossos delitos, Deus nos vivificou com Cristo, perdoando todos os nossos pecados” (Ef 2,6). A pregação desta Boa-Nova revolucionou a história, inspirando aos homens nova escala de valores. Possa ela hoje, concretizada na figura de São João Gualberto, reerguer nossa sociedade dividida pelo ódio e as contendas!

D. Estêvão Bettencourt, OSB

SÃO JOÃO GUALBERTO

HERÓI DO PERDÃO



*Relatos de uma vida transformada
pela coragem de perdoar*

por D. Robson Medeiros Alves, OSB

Apresentação



É com muito prazer que apresento este volume sobre a figura e a vida de São João Gualberto, fundador de Valombrosa e da homônima Congregação. Ele se coloca entre as manifestações e realizações do Milenário do Santo (999-1999), no Brasil, na Índia e na Itália.

Ele parte das pinturas do Claustro do Mosteiro de São João Gualberto, em Pirituba – São Paulo (SP), que descrevem alguns episódios significativos da vida dele, para apresentar, com uma linguagem moderna, a sua vida inteira, inserida no seu contexto histórico, aos nossos contemporâneos. Mas, sobretudo quer transmitir as suas mensagens cristãs, sempre fortes e vivas, sempre eficazes para todos os homens de todos os tempos, porque fundadas no Evangelho de Cristo.

Podemos dizer de antemão que conseguiu atualizá-las para os nossos tempos, como se tivessem saídas agora do fervor do Santo Abade e apresentadas em nossos dias, sobretudo aos jovens, que tanto precisam de valores e de modelos de justiça, de verdade, de autenticidade e de amor.

De fato, seguindo um caminho ideal da vida do Santo, não somente os acontecimentos e fatos de sua vida, mas sobretudo as suas virtudes, a sua fé forte, o seu empenho espiritual e ascético, sua atenção à natureza e o seu amor à Igreja: virtudes que o tornaram um verdadeiro homem de Deus.

A este propósito podemos dizer que o “leit-motiv” destas páginas é mostrar que no nosso Santo a virtude de maior excelência é a caridade ou o amor a Deus e ao próximo, tanto que foi justamente chamado o “herói do perdão”. E não deixa de marcar este aspecto em muitas partes da sua descrição, como se tivesse sido a característica principal do Santo: desde o perdão ao assassino de seu irmão, que transformou a sua vida e o moveu a se consagrar totalmente a Deus na vida monástica, até nos atos mais simples e cotidianos, seja com os irmãos na comunidade e com os pobres, que sempre acorriam aos Mosteiros. À confirmação de seu grande amor para os pobres lembramos uma frase sua que dizia muitas vezes aos irmãos: “enquanto os celeiros do mosteiro estão cheios, Deus não vai dar-nos a sua providência”.

Encontrar-se-ão nestas páginas também algumas notícias práticas sobre a fundação do Mosteiro de São João Gualberto, a sua orientação atual e a sua inserção na realidade brasileira. Talvez o livro não esgote o conhecimento da vida do Santo, nem é a finalidade do autor, mas é suficiente para ter um bom conhecimento da vida e da história do Santo, como também das suas mensagens.

Fazemos votos e desejamos uma ampla difusão a esta publicação, seja no mundo religioso e monástico, como também naquele eclesial e sobretudo entre os jovens, que encontrarão nestas páginas aquela força e aquele espírito novo que os ajudará a se elevarem aos ideais cristãos e humanos, que São João Gualberto amou e viveu.

Abadia de Valombrosa, 10 de outubro de 2002.

Memória da Transladação de São João Gualberto.



† Lorenzo Russo OSB

ABADE GERAL

Introdução



Estes relatos biográficos pretendem abordar alguns dos momentos da vida de São João Gualberto, como episódios de relevado destaque da ação humana no sentido de desenvolver um especial relacionamento com a Igreja, primando por sublinhar como eixo de compreensão da vida deste santo, sua determinação pela vivência do amor, do perdão e pela sua fidelidade à tradição recebida.

Trata-se de uma tarefa de pesquisa e narrativa que se empenha em contar partes da vida de alguém com quem não se conviveu, que era de um outro tempo e de uma outra cultura, dado a isso, basear-se em referências literárias, predominantemente de língua italiana, e na tradição oral que os monges beneditinos da mesma família religiosa do santo utilizam para formar os seus noviços, como referência de transmissão da tradição monástica.

É uma obra de antropologia visual que têm como ponto de partida e de chegada a virtude teológica do perdão, o marco principal da vida de São João Gualberto, e que se apresenta como um desafio transformador para todos nós, por se tratar de um vínculo que une as pessoas, estabelecendo-lhes novas perspectivas de relações humanas.

O texto está orientado a partir de uma seqüência de pinturas que estão no claustro do Mosteiro de São João Gualberto (Pirituba, São Paulo, SP), e retratam episódios selecionados e reproduzidos ar-

tisticamente, no intuito de serem mais um recurso pedagógico e catequético de transmissão de uma tradição oral, para contar a vida deste santo homem, além de embelezar o claustro.

Tais pinturas são ricas de detalhes e simbolismos que podem, criativamente ser interpretados sem que haja um comprometimento do teor da mensagem de realidade que comunicam. Aliás, por causa desta particularidade elas abrem um diálogo antropológico do passado com o presente.

Ainda em relação às pinturas, nestes relatos elas foram distribuídas ao longo do texto para funcionarem como elo de ligação entre os acontecimentos, ilustrando o seu entendimento, ao mesmo tempo que favorecendo a fixação dos atos e fatos, por conta da imagem.

O estilo da escrita é um tanto acadêmico, mas que não deixa de ser leve e solto. Assim, a obra pode ser lida como um todo, o que é o ideal e mais enriquecedor, como também pode ser lida em seu corpo principal, deixando para as notas de rodapé uma menor atenção.

No que diz respeito às notas de rodapé (que intencionalmente tiveram suas indicações deslocadas para o final dos parágrafos no intuito de não cansar a leitura, quebrando a coesão e a continuidade do episódio relatado), elas explicam e contam fatos que ajudam a introduzir o leitor numa maior compreensão do desenrolar histórico do monaquismo como um todo. Isso dá ao texto maior coesão, ainda que possa prolongar mais o tempo da leitura, visto que algumas dessas notas são muito técnicas, extensas e condensadas.

Um outro fato enriquecedor do texto são as citações bíblicas (sempre mencionadas por meio de abreviaturas dos nomes dos livros bíblicos) e as citações da Regra Beneditina (RB). Esses dois elementos desempenham um papel importante por se tratar de uma referência antropológica, que aborda um contexto de emergência do sagrado num tempo, num lugar, numa cultura e dentro de uma experiência religiosa, e que continuam a estabelecer diálogo com o tempo presente, conosco que continuamos a admirar os heróis da história humana.

Estão anexados ao corpo do texto, um elenco de sugestões para Lectio Divina (Leitura Orante das Sagradas Escrituras), que estão ligadas à temática das pinturas, e que pretendem exercitar essa prática fundamental da vida monástica, desde os seus primórdios; algumas sugestões para reflexão, que propositadamente pretendem introduzir questões para movimentar o pensamento e a meditação frente a uma conscientização para problemas e questões de nossa época; e nas últimas páginas uma tabela cronológica que servirá para facilitar a memorização de datas e dos episódios a ela relacionados.

Desta forma, “São João Gualberto: herói do perdão. Relatos de uma vida transformada pela coragem de perdoar” é uma obra que pretende enaltecer a coragem de um homem que enfrenta profeticamente o erro e luta pela vitória da verdade, enaltecer também os admiráveis exemplos de um homem que em seu tempo agiu deixando à história belos exemplos de perdão, de amor ao ser humano e de fidelidade aos seus ideais e princípios religiosos, e por isso ocupa um espaço especial na nossa memória, para que continuemos a falar dele às futuras gerações.

São João Gualberto

HERÓI DO PERDÃO¹

*Relatos biográficos de uma vida
transformada pela coragem de perdoar*

I Os monges beneditinos valombrosanos e os habitantes da região de Florença atribuíram esse adjetivo, de herói do perdão, por considerarem que João Gualberto santificou sua vida vivendo em profundidade uma das mais belas virtudes da alma cristã, o perdão. Seu heroísmo vem de sua coragem de romper com a mentalidade de sua época, marcada pelo ódio e pela vingança. Com a dinamicidade desse seu ato ele reafirma uma nova realidade em sua vida, na qual através de um processo de conversão cotidiana, ele se deixa conduzir na direção de uma imitação de Jesus Cristo, que na cruz oferece o perdão aos seus crucificadores, assim como a toda a humanidade. Trata-se de um paralelo que podemos estabelecer entre o discípulo e o mestre, naquilo que diz respeito a uma imitação dos atos bons, como sinal de identificação com Cristo, e aceitação das bases do projeto que o Reino de Deus apresentava, ou seja, o perdão, o amor e a fraternidade.

Tal título dado a São João Gualberto era usado, principalmente nas homílias proferidas nos rituais da Sexta Feira Santa, onde o gesto supremo de amor de Cristo expressa-se como sinal salvador, que o Pai concederia a toda a humanidade, e que se completaria com a ressurreição do Filho, que estende também à humanidade o caminho para a ressurreição. Nesse dia, por tradição ainda hoje conservada, o sacerdote mais novo dos mosteiros valombrosanos é quem preside a celebração da Veneração da Cruz, ressaltando em sua homília o vigor que o ato de perdoar requer, marcado por uma constante coragem de ser cristão, de modo a romper com os sinais de ausência de amor que a sociedade às vezes dita como procedimento. Em geral, suas palavras ressoam um elogio a Cristo e, estende à comunidade o empenho de fazer como Cristo, a mesma experiência de se perdoar até o fim.

A história da humanidade, através das experiências individuais e coletivas vai se compondo página por página, por meio de atos simples e complexos, com papéis e funções específicas, mesmo que ocultos e não reconhecidos publicamente, simplesmente porque se referem a fatos e relatos da vida, da história cotidiana, ou seja, da existência humana. Nesse sentido é que se pode dizer que a história do ser humano é a riqueza da humanidade.

De acordo com o tempo e a época os atos humanos ganham maior ou menor notoriedade, porém todos eles são sempre atos importantes, pelo fato de que demonstram a vida se realizando. Assim, é vital a importância que toda e qualquer pessoa tem na construção das relações sociais, que do ponto de vista da religião, efetivam a cooperação humana com Deus na continuação da criação do mundo.

Ao dar essa direção à nossa escrita, vamos a partir de agora contar relatos da vida de uma pessoa que se tornou um grande santo: São João Gualberto. Iniciaremos contando apenas alguns dos principais relatos e episódios da vida deste santo homem, que iniciou sua caminhada de santificação em meio a um processo de conversão pessoal a partir de um posicionamento consciente e decisivo, que não se referiu unicamente a um contexto específico de um momento histórico de sua vida, mas que se destacou em sua história, pela forma continuada com que repetia a experiência inicial de amor e de perdão. Temos assim, a consciência e o agir humano como o livro da vida, onde a virtude inscreve a pessoa humana na vida de Deus.

As atitudes de João Gualberto, mais que um posicionamento ético num determinado momento, expressam a riqueza de uma vida moral onde a presença de Deus, e a aceitação humana desta presença, operam a sacralização do mundo, como uma realidade que nos antecipa a experiência do Reino de Deus entre nós, já aqui nesta vida.

João Gualberto, membro da ilustre e nobre família dos Visdomini, nasceu por volta do ano 1000 na Itália, na região da Toscana, em Florença.

Ele herdou o temperamento forte do pai que era militar, tal como assimilou claramente as referências culturais e o espírito da sociedade em que nascera. Teve uma boa formação, o que podemos inferir por conta de sua condição social com um desenvolvimento particular de espírito e atitudes de liderança frente aos amigos e co-cidadãos, de maneira que isso caracterizava seu perfil psicológico².

O contexto histórico de sua época trazia expresso uma caracterização bastante defensiva, do nome da família, dos bens e das idéias, o que não apresentava limites para o agir e o reagir. De tal modo, que em certos casos a vingança refletia uma exigência comportamental, uma lei que estruturava aquele modelo de vida social, sobretudo alicerçada no pressuposto de que era necessário manter a honra do nome da família, custasse o que custasse³.

João Gualberto, ainda jovem, cheio de energia e fortemente abalado emocionalmente pelo assassinato de seu irmão Ugo, assume com determinação e obstinação o empenho de vingar e defender a honra ultrajada de sua família.

Pensemos, então, como o sentimento de ódio, o desejo de vingança e as atitudes de violência devem ter se constituído uma meta para a vida desse homem, que com certeza não devia medir esforços para atingir seus objetivos, com certo grau de obstinação.

2 Não há uma precisão quanto ao ano de seu nascimento, entretanto seus biógrafos o identificam como próximo ao ano 1000. Aqui trabalhamos com a Tábua Cronológica referida na obra "Alle origini di Vallombrosa", à página 169.

3 Quanto à época citada, trata-se do final da Alta Idade Média, um período de grande efervescência de disputas, onde o perfil psicológico das populações apresentava uma predominância de atitudes defensivas, que levava os povos e as cidades a se organizarem dentro de muros para se protegerem de ataques, que diga-se de passagem poderiam acontecer por questões simples e de fácil resolução se não se tratasse de agitação dos ânimos, como também expressavam controvérsias sérias e complexas, sobretudo no âmbito de questões teológicas. (Cf. Jacques Le Goff. Os intelectuais na Idade Média).

Ainda que a vingança sempre tenha sido um pecado condenado pela Igreja, as regras da vida social daquele tempo a absorviam e a entendiam como algo natural, às vezes merecedor de mérito, pois ressaltava a bravura do homem medieval, de modo que a compreensão de heroísmo equivalia a agir segundo as regras da sociedade feudal.

A localização de João Gualberto numa época com uma mentalidade comportamental predominante vingativa e facilmente orientada para os confrontos diretos, somados ao fato de que ele se impunha uma obrigatoriedade cultural de reagir à morte do irmão, introduzem-nos na compreensão de que os santos foram pessoas que se santificaram no mundo, rompendo com certos padrões e determinismos sociais, sobretudo quando esses atentam contra a integridade da pessoa humana, atribuindo um sentido menor para a vida.

Podemos compreender que o processo de santificação é um processo de amadurecimento da experiência de fé que o ser humano empreende no decurso de sua vida, e que este processo acontece interferindo diretamente no cotidiano, dentro de uma dimensão de sacralização da história, sobretudo pela possibilidade que tem de resgatar o sentido de equilíbrio que Deus criou para o ser humano como perspectiva de vida (cf. Gn 2,4-9). Assim, a interferência no cotidiano realizará a utopia de uma vida melhor, mais santa.

Isso nos permite inferir uma confluência entre a imagem do equilíbrio do paraíso criado por Deus e uma vocação humana para a vivência do sagrado como direcionamento existencial, no sentido de se empenhar por meio da conversão pessoal na transformação da sociedade, isto é, do envolvimento com a experiência de construirmos, através do auxílio da graça Divina, o paraíso terrestre.

Semelhante idéia podemos constatar na espiritualidade dos monges do deserto (da “fuga mundi”), que através de um rompimento com um modelo de vida social de seu tempo, rompiam com os ideais da sociedade, quando estes não realizam a vocação primordial do ser humano,

que é a busca da santidade, à qual Deus chama toda criatura, e que passa diretamente pela dimensão dos inter-relacionamentos humanos como expressões de amor e de perdão, tal como na relação que Deus estabelece com a humanidade⁴.

O fato que introduziu João Gualberto na experiência de seu deserto interior, como um início de sua caminhada em busca de santidade e na perspectiva de um relacionamento sagrado entre as pessoas, aconteceu numa Sexta-feira Santa, único dia em que a Igreja não realiza o sacrifício da Missa, mas que foi uma ocasião em que João Gualberto sacrificou o seu eu violento e vingador, unindo-se aos mistérios da paixão, morte e ressurreição de Nosso Senhor Jesus Cristo, que no seu infinito amor perdoou seus crucificadores.

Foram determinantes para esse contexto da vida de João Gualberto, dois fatores: sua abertura à ação da graça divina (que lhe deu a inclinação para o perdoar) e uma profunda dimensão de louvor e ação de graças (que lhe fortaleceu na renúncia ao instinto de ira e vingança).

A história nos conta que nesta data tão marcada por fortes sentimentos de comoção da população, João Gualberto defronta-se com o seu inimigo, o assassino de seu irmão. Estando em condições de vantagem sobre ele, João impunha sua espada para o golpe fatal da vin-

4 Abordar o tema monges do deserto remete-nos à questão da “fuga mundi” como experiência espiritual, o que nos apresenta a experiência de vida que os monges realizavam como caminho de busca de santidade, entendendo ser este o meio mais eficiente para se encontrar a Deus, e que depois o monaquismo ocidental vai utilizar como alicerce para a idéia do fugir do mundo porque se faz opção pela vida da clausura, como o deserto a que Deus chama o monge para aí viver sua consagração. Nomes expressivos desse “modus vivendi” são: Santo Antão, São Pacômio, São Macário, Santo Arsênio, etc.

A “fuga mundi” significava uma contestação do mundo, da sociedade desumana, injusta e cruel, por isso fugir para o deserto, para o lugar da luta contra o mal, começando pelo auto-conhecimento e eliminação das tendências más.

A vida religiosa continuou até hoje a utilizar essa idéia, entendendo ser o deserto o lugar onde se enfrenta as dificuldades, e nesse sentido, não precisa ser em meio às areias, mas pode ser na cidade, no mosteiro, ou em qualquer lugar.

gança. Entretanto, foi surpreendido pelo pedido de clemência e de conservação da vida, em nome do Cristo que naquele dia a Igreja venerava no mistério da cruz.

Esse pedido tocou-lhe profundamente o interior, como se fosse uma espada a penetrar-lhe a alma, de modo que João Gualberto após alguns instantes de silêncio e de profunda introspecção, como que num êxtase místico, contempla o sentido supremo da linguagem da cruz, do gesto salvífico de Cristo na cruz, que morrendo clama ao Pai dizendo: “Pai, perdoa-lhes...” (Lc 23,34). João Gualberto depõe a espada e abraça o seu inimigo, permanecendo alguns instantes em comoção de lágrimas. Podemos perceber que ele seguiu o exemplo do Mestre.

A “Imitação de Cristo” reflete uma consciência adquirida acerca da necessidade de uma constante conversão dos costumes e de abertura às idéias e tradições que ainda falam a linguagem da Cruz, como sinal de seguimento de Cristo⁵.


5 Aqui temos uma referência à clássica obra da literatura cristã, intitulada “A Imitação de Cristo”, atribuída principalmente a Tomás de Kempis (cônego regular agostiniano), e que tem a intenção de ressaltar na vida do mestre o modelo que o cristão deve imitar, traçando nas exortações e consolações da vida interior os caminhos das experiências místicas que conduzem a uma evolução espiritual.

Essa obra é posterior a São João Gualberto, porém ressalta um pilar de toda e qualquer motivação para o seguimento de Jesus, isto é, de imitação. Ela esteve ao longo da história monástica beneditina, ligada diretamente aos recursos de formação do cristão monge. Assim, é interessante ressaltar o figura de João Gersen, abade do mosteiro de Santo Estevão, em Vercelli (Itália), que no século XIII, debruçou-se seriamente sobre os estudos a respeito deste trabalho literário, que apontavam para Tomás Kempis, como um simples copista, ou seja, a obra já fazia parte de um patrimônio literário devocional há muito tempo.

Há obras clássicas da literatura monástica que também deslocam, como tema central, o eixo de apresentação da vida do monge como devendo estar orientada, essencialmente para buscar em Cristo um modelo de consagração. O beato D. Columba Marmion O.S.B. foi um deles, com a sua obra “Jesus Cristo Ideal do Monge”, que até hoje continua sendo uma referência utilizada na formação monástica, sobretudo dos iniciantes.

Com certeza daí começa a germinar a compreensão da necessidade de conversão diária, que vai auxiliar João Gualberto a vivenciar na vida monástica beneditina, o voto da “*Conversatio Morum*” (conversão dos costumes), como uma cotidiana entrega à vontade do Pai, tal como um dia Jesus nos ensinou como modelo de oração (cf. Mt 6, 10)⁶.

É interessante notar que na deposição da espada, como sinal de renúncia ao uso da força e do domínio físico, e pela entrega passiva à proteção de Deus, é que iremos perceber uma profunda experiência de fé, como condição “*sine qua non*” para a ação de Deus, e realização pessoal. Será por meio de um desenvolvimento da consciência dos limites de sua condição humana frente aos desafios do ser cristão. Assim, nosso herói se deixará preencher pela força de Deus, que é pacífica e capaz de dar novo sentido a cada instante da vida.

Podemos entender que o poupar da morte o seu inimigo correspondeu à atribuição de um sentido maior à vida, como essencialmente sagrada. Esse modo de agir também apresenta um reconhecimento de valores (vida, atos bons, referências religiosas etc.) como impulsionadores da ação humana no mundo, naquilo que podemos

O sentido primeiro deste tipo de literatura está em ressaltar que o monge é em primeiro lugar um cristão, por força de seu batismo, e que posteriormente se consagra como monge por força de sua profissão monástica (entendida como a expressão radical do assumir a vocação batismal através de uma consagração especial).

6 A “*conversatio morum*” (que se pode traduzir por conversão dos costumes) é uma necessidade que São Bento apresenta aos seus monges como necessidade cotidiana e condição para se viver no Mosteiro. Na Regra de São Bento (RB 58,17) esta obrigação, mais do que obrigação moral, adquire força de voto sagrado, sendo firmado no altar, isto é, na presença da comunidade monástica e na presença da comunhão dos santos, ali representada pelas relíquias dos santos e em nome da Igreja.

O voto além de referência sagrada para o monaquismo e para a Igreja tem também uma forte conotação legal, por isso São Bento manda que ele seja guardado no arquivo do mosteiro (RB 58,29), como documento. Em função desse aspecto legal é que se deve localizar a base da justificação para a aplicação de correções e sanções canônicas, naquilo que diz respeito ao não cumprimento do compromisso firmado.

compreender como potencial transformador que a graça de Deus concede ao ser humano, como força que opera na pessoa humana para a transformação do mundo.

João Gualberto se coloca numa condição de dependente de Deus, e a ação divina desperta neste homem uma consideração sagrada para com a vida e para com o ser humano. Neste sentido, podemos perceber que por trás do gesto humano de perdão e de compaixão que João Gualberto teve, podemos contemplar a ação divina se manifestando para atribuir-lhe um novo sentido existencial, que se desenvolveu por conta do não agir no ardor do impulso, da ira e da oportunidade de vingar-se. Trata-se de um processo de conversão, onde o perdão que João Gualberto concede ao seu inimigo será uma maneira heróica de expressar sua imagem e semelhança de Deus.

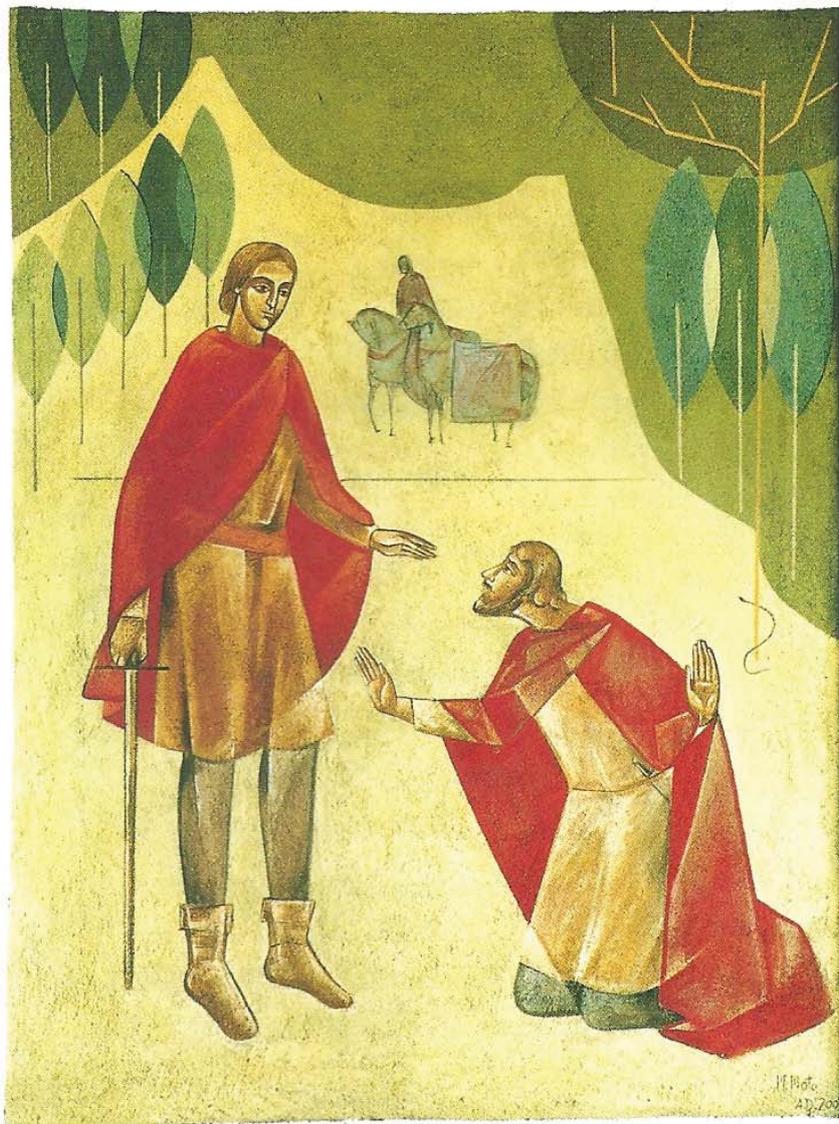
Aliás, o processo de conversão diária faz parte do caminho de crescimento espiritual que São Bento detalha como necessário ao monge, pois ao mesmo tempo que lhe permite crescer individualmente possibilita o crescimento da comunidade, ou seja, o convertido também converte a comunidade porque estabelece comunhão com ela, partilhando sua busca de santidade.

A conversão diária renova no monge individualmente e na comunidade uma dimensão de superação das dificuldades e uma pronta abertura para um reinício, sobretudo assumindo as experiências realizadas como fontes pedagógicas de aprendizado da arte espiritual de um crescimento espiritual, passando necessariamente pela correção dos erros e fugindo ao desânimo provocado pelos fracassos, ou seja, conservando a vivência da virtude cristã da perseverança, para que todos os membros da comunidade assumam a mesma dimensão humana de fragilidade e do esforço para corrigir os erros. Por esse ângulo é que podemos contemplar a riqueza da comunidade como espaço de comunhão na fragilidade e na força, isto é, na sua experiência de santidade e de pecado.

Para João Gualberto sua conversão passava em primeiro lugar por controlar seus ímpetos e emoções, depois por aceitar a sua nova realidade como uma realidade divina. Com isso, ele deu um novo sentido existencial para sua vida, restabelecendo seu equilíbrio interior, uma vez que aquele ódio e o desejo de vingança que nutria, foram convertidos, eliminados. Assim, além de perdoar seu inimigo também ele se perdoava, e por isso criava condições interiores para abrir-se a uma vida nova. Eis aí uma pedagogia espiritual de busca de Deus.



Encontro e perdão do assassino de seu irmão



Fotografia: Marcello Vitorino/Fullpress

O episódio do perdão foi um marco na vida de São João Gualberto, pois ele concentra em fatos simples e expressivos, todo um processo de integração do humano com o divino, através do modelo supremo de perdão que Jesus Cristo realizou na Cruz, como fato pedagógico para toda a humanidade, em todos os tempos. A lição do perdão realizado em meio ao sofrimento da Cruz, é o sinal de esperança para o mundo. Quando aprendemos, manifestamos a nobreza de nossa alma, que por ação da graça é capaz de romper com nossos obstáculos interiores de um instinto de vingança. Nesse sentido, o perdão tem um efeito terapêutico espiritual ao longo da vida, pois revigora o ser humano em todas as suas inter-relações. Ele realiza a vida espiritual no decurso do tempo, à medida em que dá ao momento em que se perdoa um caráter de reinício, de vida nova. Assim, de maneira bastante destacada, o perdão se apresenta como um dos elementos fundamentais da espiritualidade do monge beneditino valombrosano.



Sugestões para Lectio Divina
(LEITURA ORANTE DAS SAGRADAS ESCRITURAS)

- * Lc 23, 26-43
- * Jo 8, 1-11
- * Mt 18, 21-22

Sugestões para reflexão

- * Acredito no perdão como uma virtude que pode me transformar e ao mundo?
- * Como, com quem e quando tenho estendido o meu perdão?
- * O meu perdão é autêntico e duradouro, ou tem sido apenas circunstancial e momentâneo?

João Gualberto, comovido, efetiva gestualmente uma liturgia do perdão, ao abraçar externa e interiormente aquele que era até então seu inimigo. Após a sua autêntica experiência de perdão, ele, motivado por uma inspiração de fé, dirige-se a uma Igreja próxima, de um mosteiro beneditino, a Basílica de São Miniato (Florença), e lá, movido por um profundo desejo de louvor e de contato com Deus através da oração, entrega-se à veneração do Cristo crucificado⁷.

No interior da Igreja ele se entrega à contemplação, põe-se de joelhos diante do crucifixo exposto para veneração do lenho da cruz que remiu o mundo inteiro, pois como mencionamos, se tratava de uma Sexta Feira Santa. Nos momentos que se seguiram teve uma experiência mística, de um diálogo interior com Jesus Cristo crucificado, o grande modelo de perdão.

João Gualberto apresenta a Cristo, através da oração, seu ato anterior de perdoar o assassino de seu irmão, a Ele, que também perdoou os seus crucificadores, e com seus braços abertos, não só perdoaria a eles, como também perdoava e abraçava a toda a humanidade com um infinito amor divino.

Não se pode fazer paralelos entre o gesto salvífico de Cristo que se estende a toda a humanidade em todos os tempos, lugares e culturas, e o gesto individual de João Gualberto, que apenas dizia respeito a uma limitada experiência pessoal. Todavia, podemos entender que uma for-

⁷ Podemos inferir que essa chamada liturgia do perdão, realizou em nosso herói uma dupla experiência: a do perdoar e do sentir-se perdoado. O sentido de totalidade dessa liturgia, tem que passar por essa dupla experiência, pois quando alguém dá o perdão, pressupõe-se ter reconhecido por primeiro suas fragilidades, julgamentos falsos, orgulho, etc. Assim, gozando do bem estar espiritual, de um sentir livre interiormente é que a pessoa humana oferece um perdão autêntico, como é aquele que Deus concede. Livre do sentimento de mágoa e ressentimento que sufoca o espírito, o agir exterior se faz livre para viver o bem estar dos inter-relacionamentos de amor fraterno. Isso não só compreende um bem estar pessoal no plano psicológico, mas efetiva uma condição interior de abertura para Deus como realidade espiritual.

ça de Deus havia tocado esse homem, de modo que o episódio da Cruz lhe inspirara o desejo de agir como Cristo agira: perdoadando. E isso nos basta para compreendermos a eficácia e o sentido da cruz, isto é, ensinar à humanidade a lição de Deus, de um perdão infinito.

Ainda tocado pela força da ação de Deus, João Gualberto toma outra decisão, a de se abrir ao chamado de Deus, pois durante aqueles momentos de oração, ele percebeu que o crucifixo se inclinara para ele, tal como ouvira uma voz lhe dizer: “Vem e segue-me” (Mt 19,21). Eis para ele a manifestação do chamado que Deus lhe fazia, à qual ele confiando no auxílio divino, se entrega sem reservas.

Esses sinais foram entendidos por João Gualberto como sinais da aprovação divina para o seu gesto anterior, aquele do perdão concedido, tal como acrescentava algo de mais específico em sua vida, ou seja, Deus lhe fazia um chamado vocacional, para assumir uma vida consagrada, no claustro do mosteiro.

Sensível e aberto a esse chamado, ele decide tornar-se monge, e para tal, pede ao abade e à comunidade daquele Mosteiro de São Miniato para lhe admitirem como tal, manifestando-lhes toda a história de sua corajosa tomada de decisão⁸.

O abade e a comunidade decidem acolhê-lo. Entretanto, seu pai não aceita aquela decisão, uma vez que isso significaria perder o convívio familiar do único filho que lhe restara. Em função disso, ele teve

⁸ Abade é uma palavra que tem sua origem etimológica no termo aramaico “Abba”, que significa pai. Ao adotar essa palavra, que foi a expressão com a qual Jesus Cristo se referia ao seu Pai, a espiritualidade cristã assimilou a profundidade de seu sentido maior, ou seja, da paternidade espiritual. Na vida do mosteiro o “Abba” é o pai, o abade. Nesse sentido, pela identificação da paternidade como uma dimensão constitutiva da família, os diversos irmãos que não têm a mesma origem genética, passam a se irmanar pela mesma raiz espiritual, da adoção como filhos de Deus, onde Jesus, o Filho primogênito nos assume como irmãos. O abade (o Pai Espiritual da comunidade, que faz as vezes de Cristo – RB 2,2), juntamente com a regra e a comunidade são os três elementos que constituem a essência da vida monacal.

um ímpeto de imediata resistência, passando a se empenhar a todo custo para convencer o filho a mudar de idéia, usando de chantagens emocionais no âmbito das relações familiares.

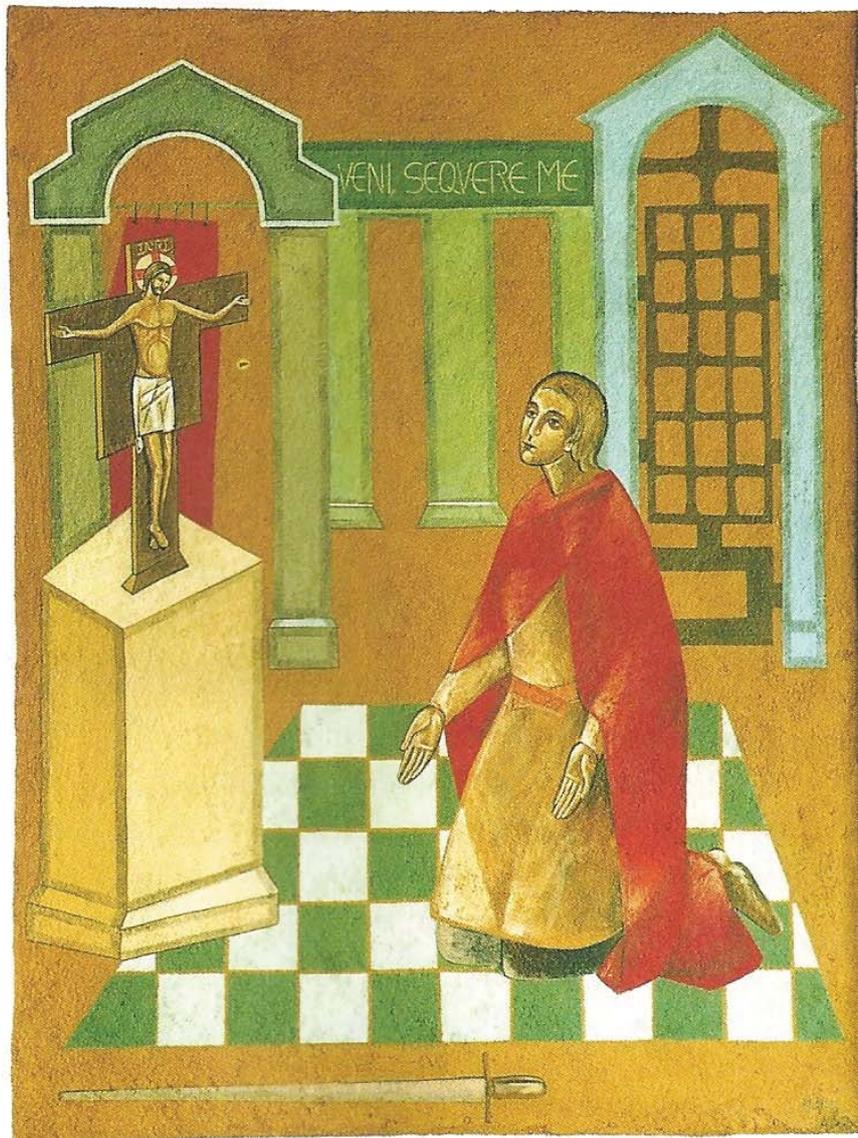
Ao perceber que não alcançara sucesso, as reações do pai começaram a se tornar violentas e chegaram a se expressar em ameaças de destruição do mosteiro, “não deixando pedra sobre pedra daquele lugar”. Frente a tal atitude do pai, João Gualberto, juntamente com o abade e alguns monges, pedem alguns instantes e retiram-se para o interior do mosteiro. Em seguida João Gualberto volta revestido com o hábito monástico, manifestando ao pai que “juntamente com os escombros do mosteiro, ele enterraria também o seu corpo”.

Esse gesto manifestava a sua convicção do ser chamado por Deus, e por isso o Pai Celeste lhe daria força para vencer todos os obstáculos, a começar por aquele que ora se lhe apresentava. O pai diante de tal firmeza de opção e manifestada coragem, tocado pela ação da graça de Deus, em meio a uma forte comoção, abraça o filho. Trata-se do assentimento, onde mais uma vez o gesto do abraço se apresenta como expressivo espaço de comunicação emocional, que se realiza numa liturgia gestual de amor e afeto.

Dali para frente, João Gualberto assumiu uma vida de profunda radicalidade de sua consagração monástica. Fiel no “opus Dei” (ofício divino), no trabalho e na “lectio divina” (leitura divina), vivia com intenso prazer a vida no claustro do mosteiro, destacando-se pela forma exemplar com que assumia o lema beneditino do “ora et labora” (oração e trabalho), tornando-se para a comunidade um exemplo de monge fiel e observante.

M

*Em São Miniato, o Crucifixo lhe inclina a cabeça,
e ele decide consagrar-se como monge*



Fotografia: Marcello Vitorino/Fullpress

A cena do crucifixo apresenta um momento de contemplação de São João Gualberto, em que a experiência da oração e do louvor o introduzem num contato íntimo com o Criador. Ali naqueles momentos preciosos nosso santo realizou uma liturgia que o unira a Deus por meio da vida litúrgica da Igreja. Facilitaram aquele seu contato com Deus sua condição de despojamento interior e o seu sentimento de gratidão e de dependência do amor divino. Esses três fatos o introduziram na experiência do deleite da graça, que apenas se iniciou naquele momento, estendendo-se por toda a sua consagração monástica. Assim temos o homem orante que aprende a pedagogia da cruz, como ensinamento para a vida, perseverando no cultivo das virtudes espirituais da oração e da piedade.

M

Sugestões para Lectio Divina
(LEITURA ORANTE DAS SAGRADAS ESCRITURAS)

- * Is 38,1-21
- * Sl 141,1-10
- * Ef 6,10-20

Sugestões para reflexão

- * Qual o espaço e a dimensão que a oração tem ocupado na minha vida?
- * A oração tem me ajudado a vencer as dificuldades e provações da vida?
- * O meu louvor tem me ensinado a me abrir para Deus e para o próximo?

Sua fiel observância à vida monástica foi algo que ele assumiu com seriedade, a tal ponto que a comunidade o escolheu para ser o seu abade. Ao que ele recusa, devido à sua grande humildade, por se considerar indigno para assumir a paternidade espiritual daquela comunidade. Seu desejo era apenas o de ser um bom monge.

João descobre entretanto, que um outro monge, Uberto, provavelmente o ecônomo da comunidade, rapidamente apressou-se em dirigir-se ao bispo de Florença, Pedro Mezzabarba, para comprar o título de abade. Essa atitude de ambos manifestavam um sacrilégio, um crime eclesiástico chamado de simonia, isto é, a compra e a venda de coisas sagradas⁹.

Nesse período histórico a Igreja estava sob forte influência deste mal terrível, que era a simonia, de tal modo que a mentalidade eclesiástica estava fortemente corrompida por este desvio moral. Entretanto, existiam também diversas pessoas sérias que resistiam a essa grave problemática, que demonstrava uma ferida exposta na Igreja.

João Gualberto, não admitindo esta impostura moral, busca a direção espiritual de um eremita chamado Teuzzo, que lhe aconselha a tentar reconduzir a vida do seu cenóbio à integridade das observâncias eclesiais, entregando-se às orações e procedendo através de correções fraternas¹⁰.

9 A simonia constituiu-se numa falha moral muito freqüente na história da Igreja, e ao mesmo tempo muito combatida em todos os tempos, por diversas pessoas. Ela abrange desde a compra de títulos, bênçãos, coisas sagradas, indulgências etc. Porém, não se pode entender que a compra de objetos devocionais ou coisas do gênero, representem tal falha. Uma coisa é a compra de algo que se trate de realidade objetiva do sagrado, outra é de coisa que leva a um contato subjetivo com o sagrado (ainda que eticamente possamos também condenar os exageros de comercialização em torno da imagem do sagrado). Quanto à origem do termo remete-se ao episódio descrito nos Atos dos Apóstolos (8, 18-23), na qual o apóstolo Pedro repreende o mago Simão, por oferecer dinheiro na intenção de comprar os dons do Espírito Santo.

10 A palavra cenóbio refere-se àqueles(as) que vivem juntos numa perspectiva de comunidade, como casa da família de Deus.

Essa tentativa não logrou êxito, pois esbarrou logo nos corações obstinados pelo seu próprio erro, e por isso João Gualberto retornou ao santo eremita para buscar novamente a direção espiritual, manifestando-lhe a intenção de retirar-se dali e fundar um mosteiro mais solitário onde pudesse buscar a Deus vivendo autenticamente os princípios da justiça e da verdade, na vivência de uma santa doutrina eclesiástica, seguindo a observância da Regra de São Bento.

Tal atitude era por demais corajosa, pois além de expô-lo a todo o poderio repressor que o abade e o bispo iriam lançar sobre ele, também equivalia a lançá-lo pelas trilhas do desafio da superação da precariedade material de tudo.

O eremita Teuzzo, vendo todo o esforço conciliatório e o empenho por restabelecer a integridade da vida claustral, sem obtenção de êxito, aprova a sua inspiração, encorajando-o a fazer uma denúncia pública tanto do abade como do bispo simoníacos. Assim, juntamente com outros monges, João Gualberto dirige-se à praça do mercado público da cidade de Florença, e lá os denuncia¹¹.

II O mercado era um ponto de confluência da população era um fato real que abrangia os poderes material e o espiritual. Assim, na sociedade medieval a vida econômica acontecia em torno aos mercados, sendo que lá também se desenvolvia muito da vida e produção teológica, sobretudo em função da concentração de pessoas, que realizavam um movimento de transmissão das idéias, levadas mundo afora pelos mercadores. Como para lá eram levados os produtos da terra e aqueles que os artesãos fabricavam, podemos dizer que todas as classes feudais tinham acesso às idéias que por lá se desenvolviam. Dado a isso é que os mercados se transformavam em pontos de encontro, onde as notícias circulavam com tamanha rapidez, de modo que podemos classificar como um dos "meios de comunicação" mais abrangente e altamente utilizados naquele tempo.

No fundo, isto já nos permite inferir o quanto estavam correlacionados intimamente dois espaços importantes, o templo e o mercado, ou seja, o sagrado e o profano. Fato este que parece ser uma realidade antropológica que transita no tempo e no espaço, uma vez que ainda hoje continuamos a observar o entrosamento íntimo desses dois espaços.

O mercado a que João Gualberto se dirigira para fazer suas denúncias, tinha uma grande importância, dado à sua localização em Firenze (Florença), que era uma das mais importantes cidades da Itália e da Europa.

Dois importantes historiadores da Idade Média (Jacques Le Goff e Jean-Claude Schmitt), descrevem em seu dicionário o papel do mercado naquela sociedade, o que nos

A coragem desse ato demonstra o bom zelo doutrinal, a busca da verdade e a fidelidade à Igreja que marcavam sua conduta de vida eclesial, associadas ao empenho e à determinação em defender e ajudar a construir uma Igreja cada vez mais santa. Começará a partir daí sua incansável luta contra os erros doutrinários, morais e econômicos que desvirtuavam o clero de seu chamado à santidade.

João Gualberto, arde de amor pela Igreja, não num sentido hierárquico, ele não aspirava galgar postos de poder, caso contrário teria aceitado ser abade, mas, ele ama e defende com todas as forças o Povo de Deus, não admitindo que esse seja dirigido por pastores indignos.

O santo compreende de forma perfeita o alcance da graça que o sacrifício da Cruz realizou no mundo, ou seja, de tornar a humanidade inteira, resgatada pelo Sangue de Cristo, como um sacrifício único de amor e perdão, de caminho de expiação do pecado.

A partir dessa compreensão é que ele desenvolve toda a sua dimensão de eclesialidade, em torno do compreender a vocação especial da Igreja: de amar e perdoar e conduzir-nos a Deus. Essas são expressões da caridade de Deus Pai para conosco, e sinais da presença da ação do Espírito Santo.

O episódio do mercado público reacende a chama da profecia e da denúncia que sempre estiveram presentes desde a Igreja Primitiva, passando pelo nascimento do monaquismo beneditino, até os nossos dias¹².

ajuda a entender porque São João Gualberto se dirige ao mercado para fazer as denúncias de simonia. Assim expressam: "É em todo caso, no mercado que se encontram a economia local e a economia distante, que se trocam produtos, mas também onde evoluem e avaliam-se os grupos sociais. Além disso, é no mercado que o comerciante encontra o estrangeiro, que ele entra em contato com os poderes, os direitos e os costumes (pedágios, salvo-condutos, procedimentos jurídicos). O mercado não é só um lugar de forças econômicas mas também de paz e de resolução de conflitos." Cf. Dicionário temático do ocidente medieval, volume II, verbete mercadores, p. 191.

12 O nascimento do monaquismo beneditino se deu por volta do ano 480 d.C., quando Bento de Núrsia, em sinal de reprovação da sociedade decadente, tal como estava

Por conta desse modo de agir religioso é que podemos identificar um importante papel social do monge como alguém que corajosamente se torna um defensor da Igreja e das convicções que dela recebeu, como referência de catequese contínua, de buscar sempre a justiça e a verdade, como sinais de pertença ao Povo de Deus.

Deste modo, muito mais do que coragem, num sentido de bravura, o que pode incitar ao uso da agressividade, podemos considerar que o gesto heróico de João Gualberto foi o de agir como um homem prudente, que busca o conselho dos sábios, que pondera ajudado pela vida de oração, e que assume um lugar de vanguarda na construção da história humana da Igreja, no sentido de converter-se de seus erros.

A sua postura foi compartilhada por outras pessoas, e depois de ter cumprido seu papel, dá à sua vida um novo ideal, que compreendia continuar seu empenho por viver numa Igreja mais santa, num outro local, onde recomeçaria do nada sua vida monástica, munido pela bênção de Deus.

Roma naquela época, retira-se para as circunvizinhanças da cidade, numa localidade chamada Subiaco, para lá levar uma vida de solidão, buscando preservar-se dos perigos daquela sociedade e buscar encontro direto com Deus através da oração e do trabalho.

O ideal de Bento logo foi compartilhado por outras pessoas, que rapidamente se multiplicaram, aumentando o número de fundações, lançando desse modo, a vida monástica, como um modelo de organização de vida social. É por isso que Bento em sua regra, que podemos entender como um código normativo (disciplina comportamental; critérios e formas de punições; distribuição da salmodia; horários de oração, trabalho e descanso; regras de comercialização dos produtos dos monges; qualidade, uso e detalhes das roupas dos monges; regras para recepção de irmãos e hóspedes; autorização de recepção de objetos e doação de bens; etc.), estabelece na medida do possível o desenvolvimento da vida do monge, dentro dos claustros do mosteiro, como um modelo fechado de vida, num estilo preservacionista. Assim menciona a regra: "Seja, porém, o mosteiro, se possível, construído de tal modo que todas as coisas necessárias, isto é, água, moinho, horta e os diversos ofícios, se exerçam dentro do mosteiro, para que não haja necessidade de os monges vaguearem fora, porque de nenhum modo convém às suas almas." Cf. RB 66, 6-7.



*No mercado público,
João Gualberto denuncia o crime da simonia*



Fotografia: Marcello Vitorino/Fullpress

A coragem e a fidelidade no cristão fazem do ser humano um profeta de Deus, sobretudo porque ilustra a uma determinação da alma temente a Deus, que luta para que a Igreja reflita no seu cotidiano a face de um Deus justo e íntegro. Ademais, a denúncia profética serve para extirpar a fonte do mal, e introduzir a humanidade no caminho do bem. Mesmo que a coragem venha a ser reprimida pela violência, ela não deve ser abandonada, sobretudo porque ela manifesta uma nobreza e uma qualidade do cristão como nova criatura. A coragem profética de João Gualberto de denunciar o erro, tornou-se uma característica particular de fidelidade à Igreja.



Sugestões para Lectio Divina
(LEITURA ORANTE DAS SAGRADAS ESCRITURAS)

- * Ez 34,1-16
- * Sl 48
- * Mt 11,1-21

Sugestões para reflexão

- * Ainda sou capaz de admirar a atitude de quem fala a verdade e pratica a justiça?
- * Ser verdadeiro e justo são características do meu modo de viver o cristianismo?
- * Será que consigo acreditar nos meus ideais, a ponto de realizá-los com convicção?

Tunto com outros confrades, João Gualberto sobe os Apeninos, como se estivessem numa peregrinação rumo ao local escolhido por Deus (tal como o povo escolhido rumo à terra prometida – Gn 12,1-2), motivados pela busca de Deus numa vida mais recolhida, assumindo que o empenho por alcançar esse objetivo implicaria em empregar um grande esforço ascético. Deste modo, esses homens caminharam, superando todas as dificuldades.

No percurso eles passam pelo Mosteiro de Camaldoli, hospedando-se lá por algum tempo. A passagem pelo eremitério de Camaldoli lhes serve como um meio de fortalecimento, pois lá fazem uma profunda experiência de austeridade, penitência e vida espiritual¹³.

13 O mosteiro de Camaldoli fica localizado na parte leste dos Apeninos e seu fundador foi São Romualdo. A distância entre Camaldoli e Valombrosana é de aproximadamente 50 km.

As fundações de Camaldoli, Valombrosa e várias outras, fazem parte de um movimento dentro do monaquismo, na intenção de protestar contra uma decadência da vida litúrgica, dos costumes, da tradição e da vida espiritual que naquele período da história monástica encontrava-se numa fase profundamente crítica e decadente.

Assim, não se pode considerar essas fundações como rupturas com um monaquismo beneditino. Pelo que a história pode atestar, essas fundações preservavam a fidelidade à regra de São Bento, tal como eram fiéis depositárias da tradição beneditina, pois eram legitimamente iniciadas por monges.

Naquela época já existiam algumas agregações de mosteiros, como células iniciais do que mais tarde seriam chamadas de congregações, porém, eram de outra estruturação de organização, diferente do que temos hoje. Cada grupo de Mosteiros seguia uma orientação, em termos de costumes, tradições e liturgia (eram os chamados costumeiros), porém não atingiam expansões geográficas muito amplas.

Hoje, nossa concepção de agrupamento se expandiu numa perspectiva mais universal, e por isso em 12 de julho de 1893 por decreto do papa Leão XIII se constituiu a Confederação Beneditina, que no mundo inteiro se compõe de Congregações que a ela aderem, unificadas em torno à regra de São Bento e de algumas tradições consideradas patrimônio histórico do monaquismo beneditino, porém diversificadas quanto a uma série de elementos: modelo de hábito, usos litúrgicos, costumes e tradições particulares. Chama-se a essa união das congregações de Confederação, sendo que cada Congregação conserva sua autonomia, resguardando-se a cada uma dessas, a direção de um Abade geral ou presidente, e ao governo maior da Ordem de São Bento (OSB) a figura de um Abade Primaz,

Ainda que a opção de vida que desejavam admitisse a vida eremítica, porém destacava mais a experiência de vida cenobítica. Assim, João Gualberto e seus companheiros deram continuidade à peregrinação¹⁴.

Os rigores do tempo (frio, neve e vento) tornavam a caminhada cada vez mais difícil e cansativa, entretanto, mantiveram-se firmes na esperança de chegar ao lugar que Deus lhes preparava.

Certa noite, após um dia fatigante, eles se recolheram junto a uma árvore para descansarem e se protegerem contra as dificuldades das intempéries que estavam muito intensas.

Ao amanhecer, provavelmente no início da primavera do ano de 1036, João e seus companheiros perceberam que aquela florida árvore sob a qual adormeceram havia-lhes protegido, ou seja, que aquela árvore havia dobrado seus galhos e folhas, armando uma cobertura que os protegera das fortes chuvas e ventos, durante a noite.

Eles se comoveram profundamente com aquele fato, compreendendo imediatamente a generosidade da natureza, como um convite a permanecerem ali. Deu-se, então a identificação com o local como sendo

que é eleito por meio de representação de todos os superiores maiores (abades e priores conventuais) das congregações que compõe a Confederação Beneditina.

As Congregações foram confederando-se gradativamente, e estão assim dispostas: Cassinense, Inglesa, Húngara, Suíça, Austríaca, Bavárica, Brasileira, Solesmense, Americano-Cassinense, Sublacenses, Beuronensis, Suiço-Americana, Otiliense, Anunciação, Eslava, Olivetana, Valombrosana, Camaldulensi, Noerlândica, Silvestrina e Cono Sur.

14 Penso que talvez exista uma influência especial para se compreender o porquê mais tarde João Gualberto tenha construído um eremitério. Baseio esta inferência na importância que o eremita Teuzzo teve em seu discernimento vocacional, e na sua passagem pelo eremitério de Camaldoli, tais experiências tiveram um papel relevante em sua vida espiritual, de modo a inspirar a construção do eremitério próximo e acima do mosteiro de Valombrosa, muito embora a vida eremítica não fosse a característica principal de seu chamado vocacional.

o local miraculosamente apontado por Deus, e logo iniciaram as primeiras construções do futuro mosteiro¹⁵.

De tal modo, podemos entender que a interação com a natureza faz parte da vida espiritual de João Gualberto desde o início, e por isso lhe dedica admiração e respeito. Sem reduzir o contato com a natureza à mera utilização da mesma, João Gualberto se esforça ao máximo para preservar a beleza das obras do Criador (Cf. Gn 1, 11-12).



15 A árvore mencionada é uma Faia, de grande estatura e frondosa copada, característica de regiões montanhosas e frias. Esta árvore é envolvida por uma caracterização toda particular, pois é a primeira da região que se encobre de folhas e que floresce, conservando-se florida por longo tempo. Segundo diversos botânicos, a faia existente ainda hoje, é provavelmente pertencente à quarta ou quinta geração, daquela que miraculosamente protegera São João Gualberto.

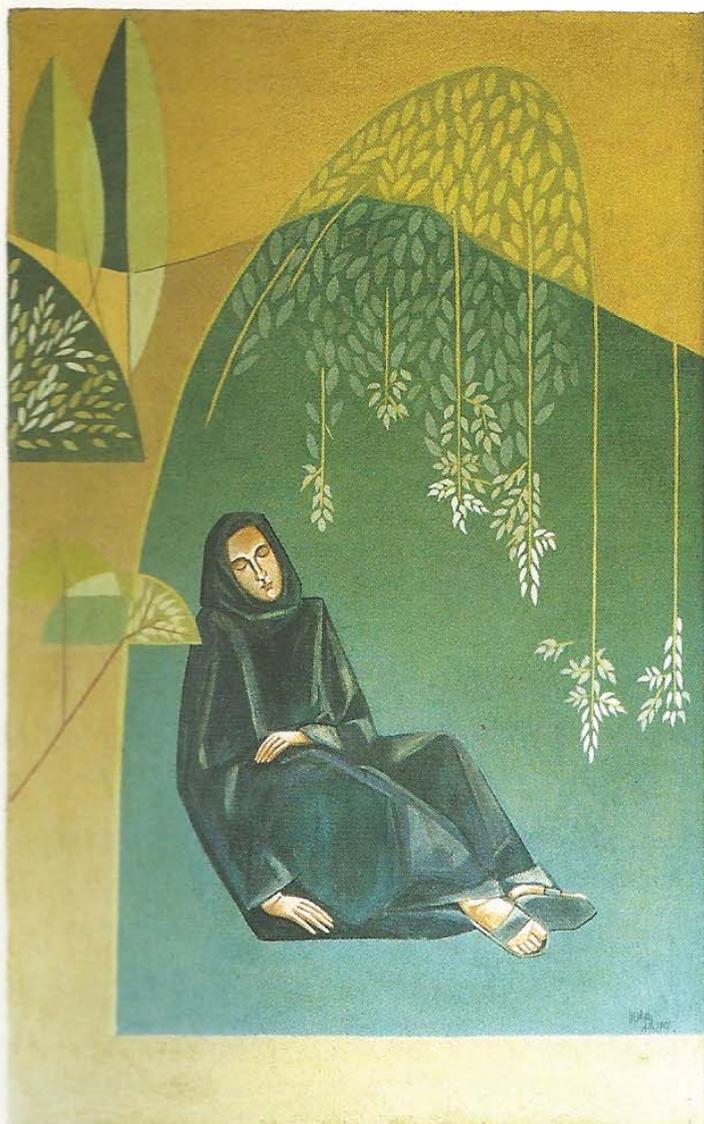
Conta a tradição que por um longo período os monges confeccionavam cruzes de madeira com os galhos secos daquela que era chamada “faia santa” e presenteavam as pessoas (Santa Catarina de Sena, por exemplo recebeu uma), que consideravam tal presente como um sinal de especial bênção.

Ainda hoje, envolve aquela árvore um sentimento muito especial, que podemos definir como devocional, da parte dos monges valombrosanos, tal como uma grande consideração da população local e dos turistas que em grande quantidade acorrem a Valombrosa nos períodos de final de primavera e verão. A árvore foi cercada por uma simples construção panorâmica, com uma pequena capelinha, fazendo dali um atraente mirante em meio à floresta.

Há poucos metros dessa árvore, no antigo eremitério construído por São João Gualberto, funciona hoje uma escola de botânica do estado italiano, fato esse que relembra a intensa atividade científica em torno das ciências botânicas, a que diversos monges se dedicaram, desempenhando um importante serviço à sociedade.



Sob a proteção da Faia, contra o vento, o frio e a chuva



Fotografia: Marcello Vitorino/Fullpress

A confiança na proteção de Deus dá a certeza necessária ao ser humano para que ele empreenda jornadas difíceis. Eis a importância da fé como uma base e fundamento de segurança para as ações humanas. Entretanto, nem sempre a confiança de que Deus protegerá será um fato imediato. Poderá contribuir para o desenvolvimento dessa certeza o auxílio de diversos fatos, que compreendem desde fenômenos naturais até fenômenos sobrenaturais. Assim sendo, temos que aprender a ler também os pormenores dos sinais que se sucedem na nossa existência, pois eles fazem parte do todo que somos. Tal como também temos que aprender a desenvolver uma profunda intimidade com a natureza, percebendo o quanto ela está a serviço da vida, o quanto nos protege, e como traz prosperidade espiritual para o ser humano. Aliás, a identificação do ser humano com a natureza é sinal de maturidade, integração com a vida e de crescimento espiritual.



Sugestões para Lectio Divina
(LEITURA ORANTE DAS SAGRADAS ESCRITURAS)

- * Ex 3,1-12
- * Sl 90
- * Lc 1,26-38

Sugestões para reflexão

- * Como é que tenho me relacionado com a natureza: com respeito, amor e cuidado?
- * Ainda sou capaz de fazer uma experiência de fé, em todos os momentos?
- * Será que ainda confio na Providência Divina?

Após a receptiva acolhida da natureza e a identificação com o lugar, João Gualberto e seus companheiros assumem o desafio de começarem da estaca zero a construção de um mosteiro, iniciando uma nova comunidade com o serviço do louvor divino no coro. Para isso ele constrói um pequeno oratório de madeira com um altar de pedra dedicado à Nossa Senhora da Assunção e a outros santos.

Sua orientação no que se refere às construções, era a de se primar pela simplicidade, servindo-se sobretudo naquele tempo e lugar, dos recursos que a própria natureza oferecia. Sendo assim, a construção deste primeiro mosteiro, num vale sombrio (Vallis Umbrosae), seguia sob a orientação de nosso santo, e com muito esforço e fadiga, logo ergueram um pequeno cenóbio, alicerçado sobre uma sólida pedra, a Providência Divina (Lc 6, 47-49)¹⁶.

A escassez de víveres e a condição de pobreza, levavam a comunidade a tornar-se altamente criativa para encontrar sua forma de subsistência, de modo que, aquela família monástica, trabalhava arduamente com as próprias mãos, colhendo os frutos da terra, tal como São Bento enuncia como caracterização do verdadeiro monge (RB 48, 7-8).

Aliás, João Gualberto e seus companheiros assimilaram isso da espiritualidade e tradição beneditina que receberam, de modo que não só trabalhavam com suas próprias mãos, mas eram acima de tudo cristãos, como nos apresenta as primeiras acepções de comunidade cristã, apresentada em At 2, 42-45, quando enfocam o caráter ético da fraternidade, da caridade cristã e da partilha dos alimentos materiais e espirituais.

Neste contexto logo começaram a surgir pessoas que pouco a pouco descobriam a presença dos monges naquele lugar e deles obti-

¹⁶ Dado a essa caracterização do lugar como vale sombrio é que se atribuiu mais tarde o nome latino de "Vallis Umbrosa", que era um local onde havia pouca luminosidade, tanto pelas condições topográficas como pela presença de grandes árvores que projetavam sombra. Valombrosa fica localizada na parte leste dos apeninos, está a uma altitude de cerca de 1000 m de altura acima do nível do mar.

nham auxílios materiais e espirituais, tal como diversas vocações desejadas de praticar também esse serviço de amor fraterno, e se empenharem na construção do mosteiro e da comunidade, recebendo a tradição monástica como elemento fundamental para suas consagrações a Deus¹⁷.

Assim, o mosteiro, mesmo longe e distante de tudo, na solidão da floresta, tornava-se um centro de onde irradiava muita luz e vida, sobretudo para aqueles que necessitavam de um revigoramento espiritual. Deste modo, começava a se tornar conhecida a vida de busca de santidade daqueles monges, considerados como homens de oração e de práticas de penitência.

Um dos esteios que a nascente comunidade assumiu como alicerce para o crescimento espiritual foi a vivência de uma prática ascética de exercícios espirituais muito freqüentes. Assim, a oração, o trabalho, a Lectio Divina, a prática de jejuns, a mortificação e as penitências físicas foram realidades capazes de elevar a alma do monge a Deus e a santificar o local¹⁸.


I7 Aqui se faz oportuno explicar que a fundamentação do ser monge, compreende em primeira instância o receber a tradição monástica por transmissão. Será sob o critério da transmissão da tradição que se poderá conferir uma categorização de autenticidade. É claro que os aspectos jurídico-canônicos têm sua importância, todavia, são referências administrativas que efetuam a organização enquanto tal. A essência do ser monge, então, requer receber uma tradição, muito mais do que agregar-se em torno de constituições, porque se trata de um estado de perfeição de vida e não de organização em torno a um agrupamento de pessoas, com normas e constituições. Todavia, não podemos negar a necessidade das normas e constituições, porém não são essas que legitimam a essência do ser monge.

I8 Durante o período medieval as práticas ascéticas das penitências físicas e das mortificações eram bastante diversificadas, variando, pela criatividade da pessoa ou dos grupos a elaboração dos seus exercícios espirituais. Todos eles compreendiam acrescentar doses de sofrimentos corporais como formas de se purificar a alma, e com isso estabelecer um domínio sobre as paixões, que eram interpretadas como vícios e fraquezas da carne, e que por essa condição de imperfeição precisavam ser dominadas. Esse modo de viver correspondia à compreensão teológica que se tinha da vida religiosa.

A concepção que se tinha de alcance da salvação passava pelos maltratos ao corpo (físico) para que a alma gozasse da beatitude eterna, onde não mais precisaria sofrer.

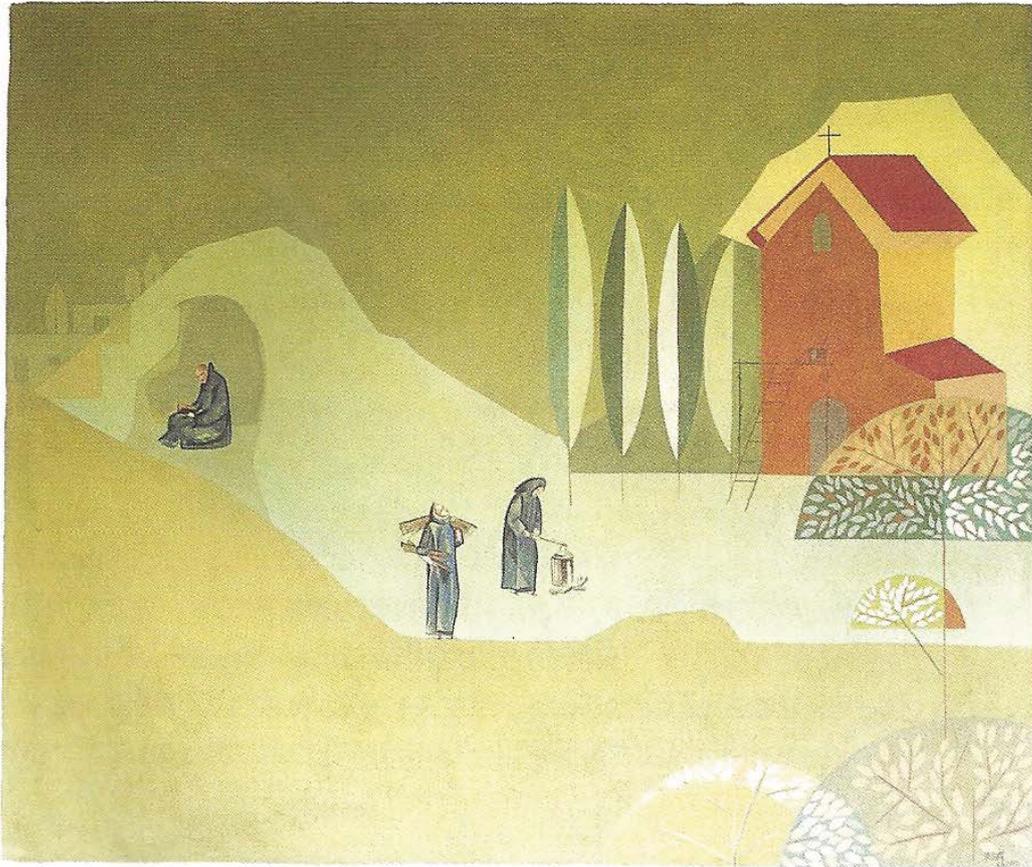
De fato, conta-se que João Gualberto em meio ao frio da montanha, descia com certa frequência a um lugar próximo do mosteiro (mais ou menos 500 metros) e lá mergulhava os seus pés num riacho de água muito gelada, como exercício penitencial. Praticava esse exercício ascético como forma de afastar todas as tentações que lhe advinham à mente, tal como também se entregava a longos períodos de oração, sobretudo durante a madrugada. Mais tarde, ao lado do riacho, em memória deste exercício penitencial, foi construída uma pequena capela, que também servia para demarcar os limites da clausura.



Temos que admitir nas práticas ascéticas de João Gualberto uma influência da compreensão teológica da vida consagrada na época, todavia, devemos ampliar nossa compreensão desses procedimentos no sentido de entender que se tratavam de um profundo desejo de viver num estado de pureza de alma, fato que pode se configurar como uma virtude desse monge, isto é, sempre almejando eliminar os seus maus pensamentos, porque sabia que eles não lhe faziam bem, e se ele estivesse mal derramaria tal estado de alma sobre a comunidade, ou seja, seu desejo era o de ser puro para os irmãos.



*Na simplicidade e na pobreza dá-se o início
da construção de Valombrosa*



Fotografia: Marcello Vitorino/Fullpress

Todo início apresenta uma enorme quantidade de desafios e exigências, porém, o envolvimento e o empenho de todos, relaciona-se diretamente com o sentido que se dá ao fato, contribuindo para sua concretização. Assim, o começar da estaca zero, como o encontrar um marco inicial de cada momento, refletem a realidade ininterrupta do processo existencial, onde a vocação de construir as coisas de Deus, como realidades sagradas, se manifestam também nos pequenos detalhes. Deste modo, com a cooperação de todos e a ajuda da Providência Divina, não apenas são erguidos templos físicos, como também o Templo do Espírito Santo que é a pessoa humana. Daí que, são igualmente necessárias a todas as comunidades, a preocupação com as coisas materiais e a vivência das coisas espirituais. Por isso, João Gualberto alicerçou o início das construções sobre a oração, o trabalho e a Lectio Divina, contando com a doação voluntária de cada um dos seus confrades.



Sugestões para Lectio Divina
(LEITURA ORANTE DAS SAGRADAS ESCRITURAS)

- * Sl 121
- * Sl 127
- * Sl 132

Sugestões para reflexão

- * Tenho sido fiel às tradições que recebi?
- * Qual tem sido o alicerce colocado como a base do meu crescimento espiritual?
- * Como é que tenho contribuído para o crescimento espiritual de minha comunidade?

Diante da profunda identificação daqueles monges com aquele lugar, a coragem e a firme decisão de estabelecerem ali a vida monástica, não obstante todas as dificuldades e o enorme empenho de trabalho nas construções, eles eram sustentados por uma inabalável fé na ajuda e Providência Divina. Assim, superavam as fadigas do árduo trabalho, com a alegria da vida fraterna, a leitura e meditação das Sagradas Escrituras, e o serviço coral do louvor divino.

Aquela região era muito precária e difícil, havendo apenas a natureza com sua gratuidade como perspectivas para o início. Assim, apenas os dons da natureza se faziam recursos a serem trabalhados. Eis uma integração entre humano e natureza, como uma lição pedagógica que Deus transmite a toda a humanidade, desde a gênese da criação.

Em conjunto com as construções do pequeno oratório e das dependências do simples mosteiro, João Gualberto iniciou um trabalho de cultivo dos bosques naquela região. Tratava-se de um bom zelo para com a natureza que sempre foi mantido pelos seus seguidores, de modo a proporcionarem uma revitalização do verde naquela área, que por sinal tinha uma topografia bastante difícil, pois era atingida por acidentes geofísicos desfavoráveis, além de uma altitude que acumulava grandes camadas de neve por longos períodos.

Aqueles monges e os demais que se seguiram, desenvolveram recursos técnicos, naquela complexa realidade topográfica de uma região montanhosa, no sentido de evitar o assoreamento do solo, que em certas áreas, devido às chuvas montanha abaixo, transportavam toda a camada ricamente fertilizada do solo, impedindo a uniformização da mata, deixando imensas clareiras, além de outros danos ecológicos. E por isso desenvolveram um grande empenho, no campo dos estudos botânicos¹⁹.


19 O zelo especial pela natureza pode ser observado sob diversos ângulos, porém, no que diz respeito a uma destacada competência da atividade acadêmica em relação à Botânica, é interessante transcrever um parágrafo de uma biografia de São João Gualberto, onde o ex abade geral D. Emiliano Lucchesi, um profundo estudioso e conhecedor da história

Com certeza, João Gualberto e seus seguidores não procederam a uma prática de reflorestamento, no sentido estrito do termo, dado que esta problemática é muito característica de nossos tempos, resultado das nossas agressões à natureza, por conta dos nossos desmatamentos. Esses homens relacionavam-se com a natureza de maneira íntima, com naturalidade, apenas realizando um intercâmbio de serviço, através de uma troca amorosa orientada por uma total identificação.

Era-lhes muito presente na consciência a realidade, ou melhor, a necessidade de integração entre o ser humano e a natureza, por isso toda a espontaneidade, amor e cuidado no relacionamento com a natureza, como lugar onde viver com qualidade, saúde e harmonia. Dado a isso, podemos afirmar que a harmonia da natureza contribuiu para o crescimento espiritual do ser humano.

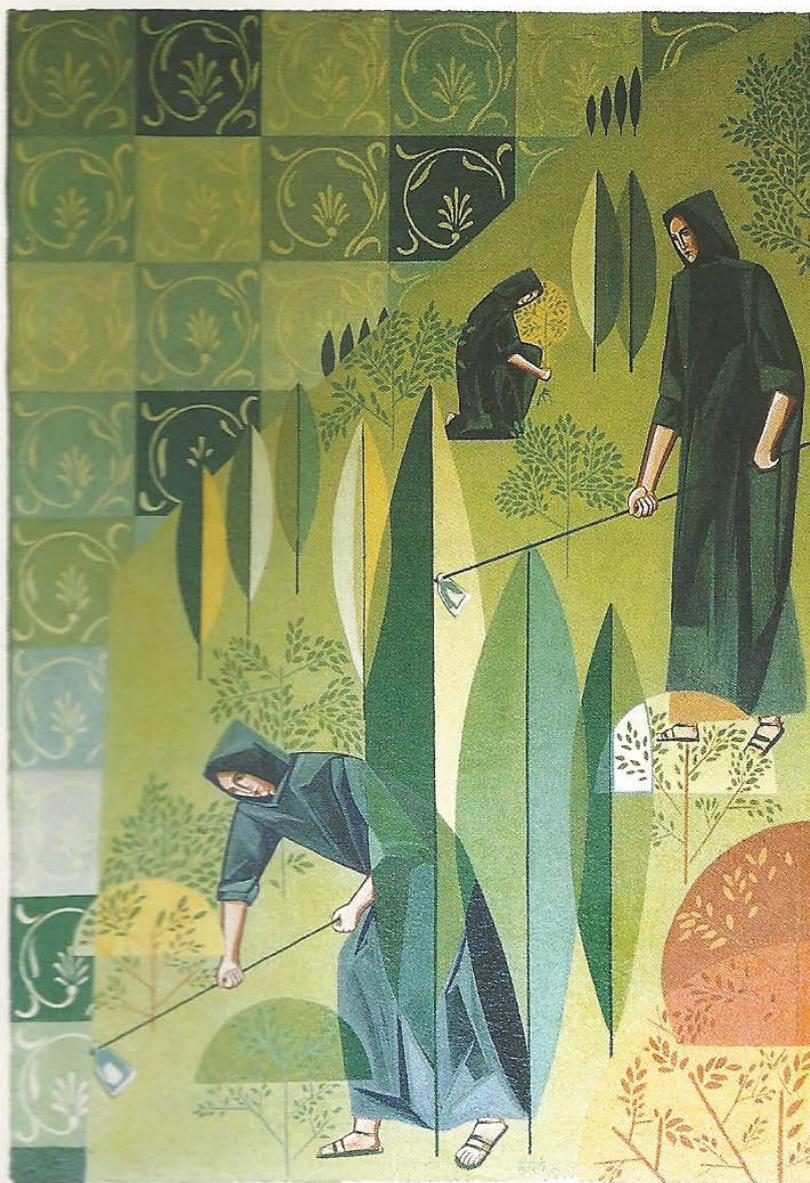
Atreiou-se à sensibilidade dos seus monges um zelo todo especial pela natureza, de modo que, o “laborare” com a natureza revelava-se um encontro de profunda oração, na qual germinavam um equilíbrio necessário ao bem estar da comunidade²⁰.

valombrosana e de São João Gualberto, ressaltou a respeito dessa capacitação dos monges: “A cidade de Milão convidou os Valombrosanos a fundar a cátedra de botânica na célebre universidade de Pávia, ao mesmo tempo que as universidades de Pádua, de Roma e de Londres se dirigiam a Valombrosa para conseguir mestres competentes em tais assuntos.” Cf. Dom Emiliano Lucchesi. São João Gualberto, p.48.

20 São João Gualberto, por conta dessa sua atividade em prol da revitalização dos bosques, e por um profundo respeito à natureza, foi proclamado pela Igreja, através do decreto do Sumo Pontífice Pio XII em 12 de janeiro de 1951 como o protetor das florestas italianas e dos guardas florestais da Itália, e mais tarde, esse mesmo papa, em 24 de abril de 1957 o proclama, através de bula papal, como o protetor das florestas e dos guardas florestais do estado de São Paulo/Brasil.



A constante harmonia, integração e trabalho com a natureza



Fotografia: Marcello Vitorino/Fullpress

O trabalho humano de preservação da natureza revela um bom zelo de amar e conservar a natureza, porque Deus a criou e a considerou como boa, a colocando à disposição do bem da humanidade. Assim, tal trabalho não somente manifesta um perfeito louvor a Deus, como também realiza um perfeito serviço à humanidade, e por isso, proporciona um encontro de integração da natureza espiritual do ser humano com a natureza botânica do seu meio, de modo que na realização desse intercâmbio, que podemos considerá-lo como místico, acontece a descoberta de um novo sentido espiritual como nova realidade para a vida. Deste modo, o ser humano, através deste zeloso trabalho de preservação da natureza, ou de qualquer outro trabalho da terra, realizará mais uma obra de qualificação para a sua existência, manifestando assim a grandeza de um colocar-se a serviço da natureza e da humanidade, como genuína manifestação de louvor a Deus.



Sugestões para Lectio Divina
(LEITURA ORANTE DAS SAGRADAS ESCRITURAS)

- * Gn 1,1-31
- * Dt 32,10-14
- * Dn 3,52-90

Sugestões para reflexão

- * Sou consciente de que ser humano e natureza se complementam?
- * Como é que tem se desenvolvido minha relação de integração com a natureza?
- * Quais são as minhas atitudes concretas em defesa e preservação da natureza?

Uma das características de João Gualberto, e que identificam o carisma beneditino é o da hospedaria, como um lugar onde as pessoas se dirigem no intuito de buscar a Deus, receber ajuda espiritual e material, ou fazer uma experiência de oração coral.

A identificação dos “hóspedes que chegarem ao mosteiro como o Cristo” (RB 53,1) é uma exigência fundamental que São Bento estabelece aos monges, para que realizem a mesma recepção fraterna como fazia a Igreja Primitiva.

Mesmo que haja toda uma precaução em relação aos perigos que certos hóspedes mal intencionados possam representar para o mosteiro e para a vida comunitária, o monaquismo beneditino sobressalta a excelência dos hóspedes, contemplando neles a possibilidades de se viver a virtude da caridade cristã, propagando assim o ideal da vida fraterna, como um ideal de vida e de comunhão trinitária.

Assim, “os hóspedes, que nunca faltam no mosteiro”, conforme descreve São Bento (RB 53,16), sempre acorriam ao mosteiro de Valombrosa, não obstante as dificuldades geográficas para lá chegar. De tal modo que, eram diversas as pessoas que em busca de experiências de oração, de palavras de conforto, de cuidados, de alimentos e de auxílios diversos, sobretudo pobres, doentes, peregrinos, etc., não deixavam de encontrar nos monges uma esperança de conforto, bem estar e sobrevivência²¹.

21 A origem latina da palavra hospedaria remonta à idéia da “hospitalitas” cristã, que compreende a hospedaria como um lugar de passagem, por onde transitavam pobres, doentes e pessoas que buscavam cuidados e algo de espiritual. Essa funcionalidade da hospedaria irá mais tarde identificar a figura dos hospitais. Assim, podemos inferir que as hospedarias dos mosteiros eram lugares onde se dispensavam cuidados aos hóspedes, fato que nos permite utilizar uma terminologia bastante usada hoje, e adjetivarmos o mosteiro como um “centro terapêutico” para a totalidade da vida.

No livro “Perspectivas da Regra de São Bento”, Irmã Aquinata Böckmann OSB, uma importante estudiosa da Regra de São Bento, assim escreve, à página 242, quando refere-se a RB 53— Da recepção dos hóspedes: “No século IV desenvolveu-se a institucionalização da “hospitalitas” cristã. Além dos bispos e das viúvas, os monges eram também

Tratava-se da vivência das virtudes cristãs, como já mencionamos, da hospitalidade e do cuidado com os necessitados, que faziam da vida monástica a continuação do que foi o cristianismo em seu nascimento, ou seja, quais foram as bases da experiência cristã, que posteriormente seriam revitalizadas nos carismas das congregações como sinais de uma mensagem sempre atual deixada por Jesus Cristo e assumida pela Igreja, através do monaquismo.

Os monges, em primeiro lugar eram cristãos, que assumiam o seguimento dos exemplos do mestre, como um empenho de contínua oferenda a Deus e à humanidade, através de um viver “por Cristo, com Cristo e em Cristo”. Assim, está na essência do monaquismo a oferenda pessoal como serviço ao próximo²².

Muitos são os episódios na vida de João Gualberto que manifestam uma grande e especial atenção para com os pobres, que com frequência acorriam ao mosteiro em busca de ajuda. De tal modo os pobres faziam parte da riqueza espiritual das comunidades, eram considerados como um tesouro²³.

a classe que tinha a obrigação de praticar a philoxenia. Os responsáveis pelas hospedarias, asilos e hospitais eram sobretudo monges. A ampliação dos mosteiros e das hospedarias (que têm a mesma raiz de hospital, hospitalitas) condicionavam-se reciprocamente. As comunidades monásticas com seus numerosos membros possibilitavam uma assistência abrangente. A caridade era dirigida aos peregrinos, aos irmãos na fé, aos mensageiros da fé, aos forasteiros e aos pobres”.

22 Esta é a doxologia que na celebração eucarística explicita o momento central do ofertório. Se até então apresentávamos as oferendas e o Espírito Santo as consagrava, agora precisamos comungar desse alimento, e partilhá-lo com as pessoas, com o mundo. Uma das maneiras mais acessíveis ao monaquismo de partilhar o Cristo que se recebe na comunhão eucarística, será servi-lo como alimento espiritual, através de um agir repleto de carinho e amor, em todos os lugares que estiver (na hospedaria, no parlatório, na enfermaria, nos colégios, na pastoral, nas conferências, nos escritos, nas artes, enfim em todos os trabalhos que a comunidade desenvolve). Eis a expressão máxima da autêntica consagração monacal: ligar-se tão intimamente a Cristo e ao seu Evangelho, que não se possa realizar outra coisa senão imitar sua incondicional entrega amorosa e voluntária em favor da humanidade.

23 A concepção dos pobres como um tesouro da Igreja sempre esteve presente na tradição da Igreja Católica. Assim é que nos escritos hagiográficos (relatos que contam

Tal virtude, mais do que um serviço social fazia parte da espiritualidade ascética desse homem, de modo que ele orientava a comunidade a planejar os trabalhos e aquilo que desses podiam ganhar, reservando uma grande parte para o atendimento aos necessitados. A profundidade com que assumiam esse serviço era tão intensa que por diversas vezes doaram quase tudo do que tinham de alimentos na despesa. Deste modo, confiando na Providência Divina nunca tiveram grandes necessidades.

Devido a essa frequência de necessitados e da pronta acolhida e atenção dos monges, é que a bênção e a misericórdia de Deus sempre se fizeram operantes naquela nova, simples e crescente comunidade. E sob essa orientação, João Gualberto formou sua comunidade dentro do mais genuíno espírito de partilha e confiança em Deus.

a vida dos santos), por diversas vezes são mencionados como meio de santificação, o amor, a atenção e o cuidado com os pobres (necessitados, doentes, peregrinos, órfãos, viúvas, etc.), como manifestação de seguimento dos ensinamentos deixados por Jesus Cristo e expressão da autenticidade da vida cristã.

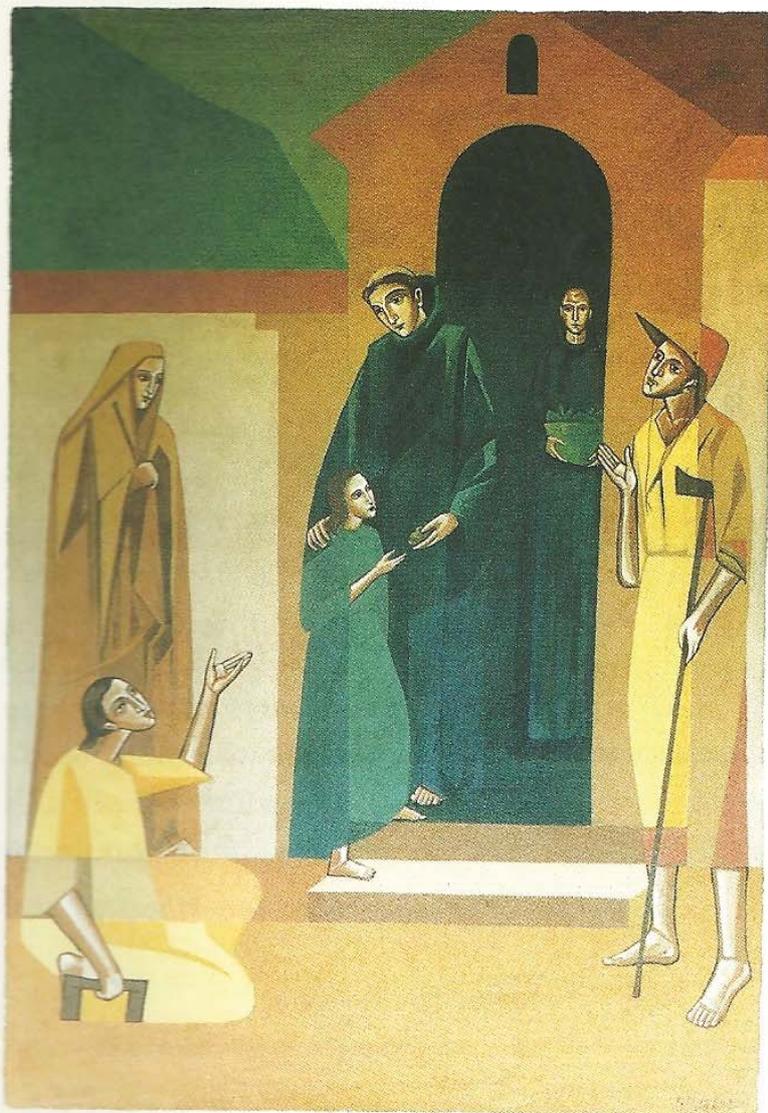
Conta-nos um desses relatos, da vida do diácono São Lourenço (que servia ao Papa Sisto III), que por ocasião da perseguição à Igreja, pelo imperador Valeriano, o prefeito de Roma depois de prender e martirizar o Papa, manda prender também o diácono Lourenço, ordenando-o que lhe entregasse todos os tesouros da Igreja, concedendo-lhe para isso três dias.

No prazo determinado, Lourenço apresenta ao prefeito todos os pobres, doentes, órfãos, idosos, viúvas etc., que eram assistidos pela Igreja, dizendo-lhe: "Aqui tens os tesouros da Igreja!". Frente a tal atitude, o prefeito profundamente irado, manda prender e matar queimado o diácono.

Por meio de transmissão da tradição oral e escrita, este episódio foi sendo transmitido como uma das experiências mais profundas de identidade cristã, de serviço ao próximo que manifesta a riqueza humana, no qual esse tesouro continua precisando de ser cuidado por cada um de nós.



O cuidado com os hóspedes (pobres, doentes, peregrinos, etc.) como se fossem o próprio Cristo



Fotografia: Marcello Vitorino/Fullpress

Os pobres, os doentes e os peregrinos são o tesouro da Igreja, desde os seus primórdios. A eles Jesus Cristo dedica especial atenção, convidando-nos a fazer o mesmo. Eles refletem uma realidade existencial objetiva de nossa sociedade e nos auxiliam no entendimento acerca do que somos perante Deus, isto é, pobres e dependentes. Eles refletem as desestruturas sócio-econômicas de nossa sociedade, que cultua os seus próprios deuses (poder, dinheiro, status etc.). A aproximação aos pobres estimula no cristão o desenvolvimento de uma perspectiva mística de serviço e atenção, como sinais de adesão à mensagem de Cristo e autêntica pertença à Igreja. Cada gesto de amor a eles dedicado inserem a pessoa humana numa relação direta com Deus, o que nos permite redescobrir um sentido mais fraterno e mais justo para a vida da pessoa humana, ou seja, o lugar de Deus em nossa vida.



Sugestões para Lectio Divina
(LEITURA ORANTE DAS SAGRADAS ESCRITURAS)

* Mt 25,31-46

* Pr 7,36-40

* Lc 1,39-56

Sugestões para reflexão

- * Como é que eu olho para os pobres, com desprezo ou disposto a ajudá-los?
- * Que tipo de interpretação eu faço do pobre?
- * Será que eu ainda me considero também um pobre, um dependente de Deus?

João Gualberto e sua comunidade, começaram a se tornar conhecidos pelas vizinhanças. Rapidamente de toda a Toscana começavam a recorrer-lhes em busca de santos e sábios conselhos, tal como para fazerem uma profunda experiência de oração. Assim foi que o número dos monges começou a aumentar, e João Gualberto sempre à frente da comunidade começou a empreender outras fundações²⁴.

Ele mesmo acompanhava, orientava e cuidava para que o bom zelo da simplicidade nas construções fosse sempre observado. E, de fato, nos conta um de seus biógrafos, que certa vez, por volta de 1050, quando visitara a construção de um novo mosteiro, observou que havia uma demasiada suntuosidade na construção, por isso, enfurecido mandou que a demolissem, pois ela depunha contra o princípio de se primar por um espírito de simplicidade nas edificações, e que no seu lugar construíssem outro mosteiro mais simples. Tratava-se de uma lição pedagógica que não era questão de economia ou falsa modéstia, mas sim de perseverança e fidelidade à virtude da simplicidade²⁵.

Assim, se disseminavam rapidamente diversos mosteiros que se originaram principalmente de Valombrosa, tal como diversos outros mosteiros que foram se agregando, sendo que, todos eles levavam à risca as orientações de João Gualberto²⁶.

24 A Toscana é uma região localizada no centro norte da Itália, que compreendia, já desde aquela época, uma vasta região, de grande importância econômica e cultural na Itália, tendo cidades importantes como Florença, Siena, etc.

25 Trata-se de uma referência ao episódio de sua visita às construções do mosteiro de São Pietro, aos pés do monte Moscheto, nos Apeninos, por volta do ano de 1050, no qual seu ímpeto demarcou definitivamente a orientação que ele queria dar às suas fundações. De certa forma, essas orientações, ainda hoje se constituem patrimônio de uma espiritualidade valombrosana, naquilo que tange à construção de mosteiros.

26 O papa Vitor II, no sínodo de Florença (1055) confirma a aprovação à obra de João Gualberto, já pronunciada por seu antecessor Leão IX, e naquele momento emana um decreto no qual ele amplia a jurisdição do abade de Valombrosa, declarando-o pastor geral dos

Suas orientações iam para além de normas de construção de edifícios físicos, uma vez que sua preocupação básica era com o edifício espiritual, com o corpo místico de Cristo, a Igreja (cf. Ef 4,12), onde o cristão monge tinha um papel importante e todo particular de serviço, como sinal de maturidade cristã e inserção direta no serviço à Igreja, sobretudo nos apelos e necessidades que o tempo e o lugar apresentam.

São sinais de uma maturidade, que compreende assumir radicalmente as convicções da fé, e aqui podemos retornar à reflexão do episódio que aconteceu no início da conversão de João Gualberto e que resultou na saída do mosteiro de São Miniato, ao protestar conscientemente por uma Igreja mais santa, e se empenhar nessa tarefa como parte do “múnus” do ser cristão, empenhando-se pela extirpação de todos os desvios doutrinários e heresias.

Estava ainda muito presente na consciência de João Gualberto a necessidade de cooperar na correção e formação do clero, para que este não caísse nos desvios e erros tão frequentes daquela época. Isso lhe motivava incansavelmente a agir para o bem da Igreja.

A influência de João Gualberto abrangia tanto o clero como o povo. Ao clero, de modo particular, dedicava uma especial atenção, naquilo que diz respeito a contribuir para uma ideal formação sacerdotal, dentro da mais genuína doutrina católica, em fidelidade aos dogmas que os Concílios Ecumênicos expuseram como as verdades da fé. Quanto ao povo, compartilhava o múnus de fazer, juntamente com ele, parte do povo de Deus, daí o viver a fé como Igreja, ou seja, a plena comunhão da comunidade cristã.

outros abades ligados a João Gualberto, tal como torna a Abadia de Valombrosa a abadia primacial. O papa dá a Abadia de Valombrosa a perpétua faculdade de corrigir, instituir e confirmar os abades eleitos, com amplo privilégio de isenção da jurisdição episcopal. (cf. Dom Emiliano Lucchesi, op. cit., p. 38-39).

Sua influência e segurança doutrinal eram tão fortes que ele era chamado e consultado para dirimir diversas questões eclesiais, face ao grande prestígio que exercia sobre a formação do clero, sempre orientando-os numa reta doutrina e a fugirem dos desvios das heresias.

Além da exaustiva luta contra a simonia, João Gualberto se insurge contra o movimento herético chamado nicolaísmo, tal como se envolve, em defesa do papa, na crescente controvérsia política que tratava da questão de eleição papal, que se deu sob o pontificado de Nicolau II (1058-1061).

A questão do nicolaísmo, que se espalhava com rapidez entre os imperadores e o clero, encontrou em João Gualberto uma forte resistência e uma admirável coragem, assumida como missão de denunciar os erros e condenar os abusos, tal como defender a legitimidade do papa eleito pelo colégio cardinalício e não a de um papa nomeado por imperadores para defenderem seus interesses políticos e econômicos²⁷.

Devido à firmeza e bravura com a qual João Gualberto defendia a ortodoxia da fé, ele atraiu inimigos em torno de si, uma vez que se tornava explícito que todo o contexto de sua vida, de suas idéias e convicções, manifestavam um homem de fé, comprometido com a Igreja, um


27 A questão do nicolaísmo, considerada um movimento herético desde os primeiros tempos do cristianismo, tinha uma tendência paganizante, e entre tantos aspectos reunia um grupo de clérigos oponentes ao celibato clerical.

O contexto político da época de João Gualberto trazia novamente à tona o movimento nicolaíta envolvendo, sobretudo diversos pormenores de organização ligados à vida eclesial do clero e recepção de ordens eclesiásticas, como sobretudo aquilo que dizia respeito às futuras eleições papais, de modo a corrigir os abusos que se observavam quando a escolha do papa estava vinculada à influência dos imperadores. Assim, com a morte do papa, os cardeais é que deveriam proceder à eleição do novo papa.

“O decreto de Nicolau II teve três conseqüências importantes: 1. Pôs fim à indicação imperial dos papas. 2. Constituiu um sério golpe na ingerência da aristocracia romana leiga na eleição pontificia. 3. Possibilitou que diversas nacionalidades da Europa fossem sucessivamente representadas na série de pontífices romanos” (cf. Mário Curtis Giordani. História do Mundo Feudal II/2, p. 228.)

homem intrigante por conta de seu caráter forte, que não podia ser silenciado, quando se tratava da defesa da verdade.

Seu modo de assumir a radicalidade do cristianismo ocasionou-lhe muitas agressões por parte dos inimigos da verdade e da Igreja, e por conseguinte, seus inimigos. Mesmo na simples condição de membro de uma pequena e nascente congregação monástica, fazia-se grande em coragem e fidelidade, causando assim incômodo aos heréticos.

Com heróica determinação, inquieto pela fraqueza moral do bispo de Florença, Pedro Mezzabarba, João Gualberto denuncia-o novamente, numa época em que surge uma contestação entre o povo e o clero, como expressão de um limite de tolerância às controvérsias. O povo estava desejoso de obter a verdade.

O bispo irado com as contínuas denúncias de João Gualberto, manda seus soldados invadirem o Mosteiro de São Salvi (Florença), durante a noite. Naquele momento os monges estavam no coro, celebrando o ofício de vigílias. Eles invadiram o recinto, ferindo diversos monges, destruindo partes da Igreja, sobretudo do mosteiro.

A população foi muito solidária aos monges, mantendo-se em grande maioria ao lado deles. Entretanto, alguns membros do clero instigavam pessoas contra os monges, dado que se sentiam ameaçados pela presença profética deles, que não desistiam de denunciar os erros.

Assim foi que o desenrolar da história, conduzido pelos fatos, encaminhou tudo para se estabelecer uma resposta definitiva para aquela querela, pois a população já não suportando mais a ânsia e a angústia de não ter a certeza acerca do que e com quem estava a verdade. Exigiram, então, uma prova que pusesse fim àquela questão.

Foi exigido o ordálio, isto é, um apelo a Deus, para que dos céus viesse a sentença definitiva para aquela querela. A prova pedida foi a do fogo, que segundo o ritual, consistia em que João Gualberto ou um de seus discípulos, deveria atravessar pelo fogo, uma vez que esse era um

sinal de purificação, como também de condenação. O resultado da prova evidenciaria com quem estava a verdade, ou seja, quem falava em nome de Deus²⁸.

O escolhido para realizar tal prova, foi um monge sacerdote chamado Pedro, que no dia 13 de fevereiro de 1068, no mosteiro São Salvatore a Settimo, paramentou-se impondo as vestes sacerdotais, e após ter celebrado a Santa Missa, evocada a bênção de Deus, recebeu solenemente das mãos de João Gualberto a cruz que ele sempre carregava consigo, e destemidamente adentrou na fogueira, atravessando-a ileso, sem receber nenhum mínimo sinal de queimadura.

Após essa manifestação, ficou evidente a veracidade das denúncias que João Gualberto apresentara, o qual passou a ser considerado pela população como um homem santo. Frente a tais fatos, o papa Alessandro II depôs o referido bispo de todos os encargos eclesiais, muito embora essa deposição ainda não tivesse colocado fim às heresias doutrinárias, apenas significou um avanço e um impulso na luta contra elas. O próprio João Gualberto ainda continuaria a lutar contra os remanescentes heréticos que, ora ali ora acolá se reorganizavam em focos específicos.

Quanto a Pedro, após sua morte, que se deu certo tempo depois desses acontecimentos, foi aclamado pelo povo e reconhecido pela Igreja como santo, passando a ser chamado pelo nome de São Pedro Igneo, para fazer referência ao episódio de sua passagem pelo fogo²⁹.

28 O ordálio era uma prática usada na Idade média, e equivalia a uma instância de último recurso. Essa prova equivalia a deixar que Deus se manifestasse através de uma ação que transcendesse os limites da natureza humana, ou seja, que acontecesse um milagre.

Essa prova era pouco usada, reservada apenas a alguns casos muito controversos. O ordálio compreendia uma diversidade criativa de formas engenhosas de provas, a do fogo era apenas uma delas, e que não pode ser confundida com a fogueira da inquisição, que além de ser uma prática posterior, não era instância de julgamento, mas aplicação de sentença.

29 Igneo é uma palavra de origem latina que significa fogo.

Sugestões para Lectio Divina
(LEITURA ORANTE DAS SAGRADAS ESCRITURAS)

- * Dn 3
- * Sl 26
- * 2Tess 3,1-15

Sugestões para reflexão

- * Como têm sido minhas atitudes no sentido de manter minhas convicções de fé?
- * Será que sou capaz de assumir a radicalidade da minha vocação cristã?
- * Como é que tenho enfrentado as provações e tribulações que surgem em minha vida?

Após longo período de perseguições, João Gualberto, sempre fortalecido por suas convicções de fé, expande sua influência no monaquismo regional e no clero, sobretudo nas regiões vizinhas à Toscana. Sua influência sobe até Milão, onde manda monges participarem de concílios locais e se expande até o leste da França. Porém, se deve dizer que a maior abrangência de sua influência foi mesmo no âmbito da região da Toscana, aliás, a Congregação Valombrosana foi durante muito tempo, predominantemente Toscana³⁰.

30 Muitos são os traços da influência do movimento restaurador de João Gualberto no monaquismo regional, que se tornaram particularidades da espiritualidade valombrosana. Dentre tantos podemos citar:

A. A celebração noturna da Vigília Pascal, que São João Gualberto já celebrava desde o século XI, começando na tarde do Sábado se estendendo por mais de 8 horas. A celebração das funções noturnas da Vigília Pascal passaram a assumir um caráter central de excelência sobre as vigílias e um ponto central da vivência da fé no Cristo morto e ressuscitado. É interessante ressaltar que foi em 9 de fevereiro de 1951 que a Sagrada Congregação dos Ritos emanou um decreto que dava a cada bispo a faculdade de introduzir ou não, em sua diocese, "ad experimentum", a função noturna da Vigília de Páscoa. Somente com um outro decreto da mesma Congregação, de 16 de novembro de 1955 é que se tornou obrigatória nas igrejas de rito latino a função noturna da Vigília de Páscoa.

B. Uma estruturação mais digna para a instituição dos irmãos chamados de conversos, que por sua condição social, de estudos e de não pertença ao estado clerical, viviam em condições indignas frente à igualdade entre os que habitavam "na escola do serviço do Senhor" (RB prol 45). Esses irmãos deviam se ocupar dos trabalhos mais pesados, poupando os clérigos desses. Até mesmo na oração, sinal de unidade, eles não podiam se associar aos clérigos. Mesmo sua alimentação era rigorosamente diferenciada, sendo de menor quantidade e diferente qualidade.

C. Uma especial devoção à Santíssima Trindade, que se expressava por meio de orações ao Pai, ao Filho e ao Espírito Santo, e que eram recitadas várias vezes ao dia, sobretudo em preparação ao ofício divino. A respeito dessa devoção especial à Santíssima Trindade, pode-se responsabilizá-la pela dedicação de diversas Igrejas da Congregação a Ela.

D. As festas de Nossa Senhora e dos santos, precedidas de tríduo ou novena.

E. A revitalização do culto litúrgico da "Theotokos", a Mãe de Deus, sobretudo da Assunção de Nossa Senhora aos céus.

F. A prática da "Via Crucis" na quaresma.

G. O culto eucarístico.

H. Os solenes pontificais.

O abade João Gualberto exercendo o seu múnus paternal, tinha por hábito visitar constantemente as suas comunidades monásticas. Certa vez, quando o santo abade andava fazendo uma dessas visitas aos seus mosteiros, para dirimir questões, estimular e animar as comunidades a progredirem sempre mais espiritualmente, corrigir erros, incentivar modelos de vida comunitária, enfim, exercer sua paternidade, Deus lhe concedera a graça de pressentir sua morte.

Ele estava visitando a comunidade do Mosteiro São Miguel de Passignano, e lá começou a sentir o peso da fragilidade de sua saúde (agravada por problemas estomacais e feridas ulceradas), de modo a pressentir que a morte se aproximava. Seu quadro clínico ia se agravando cada vez mais, entretanto, mantendo uma forte vitalidade como de alguém que sente ainda ter algo a realizar, manda chamar os superiores dos mosteiros vizinhos, para transmitir-lhes últimas palavras e ensinamentos de vida.

Depois de lhes fazer diversas exortações, nomeia como seu sucessor o monge Rodolfo, que levava uma vida santa, de exemplar observância monástica. Pede que um outro monge (Rústico) escreva uma exortação ditada por suas palavras.

Essa belíssima exortação, no estilo de uma carta, é considerada como o seu testamento espiritual, e nele há uma mensagem direta para os mosteiros valombrosanos com seus monges, de viverem unidos pelo “*Vinculum Charitatis et Consuetudines*” (vínculo de caridade e costumes), de modo que a base da vida fraterna seja a base da vida familiar que no mosteiro deve sempre estar presente. Assim nosso Santo fala para o monge escrever:

“João Gualberto saúda e abençoa a todos os irmãos a ele unidos no amor fraterno.

Oprimido por esta enfermidade que há muito tempo me aflige, espero dia a dia o momento em que Deus receba a minha alma, enquanto o corpo voltará à terra da qual foi formado. E isto não pode causar maravilha, porque a própria idade, mesmo se não existisse a gravidade da doença, me avisa que, mais dia menos dia, chegará a morte.

Havia desejado sair deste mundo em silêncio; pensando, porém, no encargo que me foi confiado e no nome de Pai que me foi dado durante a vida, embora não tenha sido digno de um nem de outro, julguei melhor escrever-lhes algo em torno da caridade, não para dizer-lhes coisas novas, mas para repetir-lhes o que, tantas vezes ouviram. Certamente foi a virtude da caridade que determinou o Criador do universo a fazer-se criatura; é a virtude da qual Jesus Cristo, recomendando-a aos seus Apóstolos como compêndio das demais, disse: 'este é o meu mandamento, que vos ameis uns aos outros'.

Desta virtude da caridade fala o Apóstolo Tiago quando diz: 'quem quer que observe a lei, mas falte à caridade, será culpado como se tivesse violado a lei inteira'. E o Apóstolo Pedro diz: 'a caridade cobre a multidão dos pecados'. Portanto, podemos concluir que todos os pecados serão perdoados a quem possuir a caridade, e que de nada valem as outras virtudes se não possuirmos a caridade.

Mas se existir algum orgulhoso e desobediente que se iluda pensando possuir a virtude da caridade pelo fato de viver num mosteiro junto aos confrades, ouça este o que diz o Beato Gregório, que indica a finalidade da verdadeira caridade com estas palavras: 'ama perfeitamente a Deus quem nada reserva para si'. Desta raiz da caridade originam-se todos os mandamentos divinos, porque se muitas e várias são as boas ações, uma só, todavia, é a origem de onde procedem, a caridade, em cujo fervor os réprobos nunca serão perseverantes, segundo as palavras da Sagrada Escritura: 'arrefecer-se-á a caridade de muitos'. O Apóstolo João deplora estes corações frios e sem amor, que se afastam da união fraterna porque carecem de caridade, e deles diz: 'separam-se de nós, mas não eram dos nossos, porque se tivessem sido dos nossos, teriam permanecido sempre a nós unidos. Assim sendo, cada um deve fazer todo o possível para prender-se sempre mais a este sumo bem da caridade e sollicitamente procurar os irmãos e a eles unir-se para juntos, percorrer o caminho de Deus. E como os réprobos, abandonando a caridade, se separam do Corpo Místico de Cristo, assim os eleitos, abraçando-a, tornam-se sempre mais dignos dele.

Para custódia inviolável desta virtude é muito útil a união entre os irmãos, que vivem sob a obediência de um só superior, pois, como um rio seca ao dividir-se em muitos riachos, assim se extingue a união fraterna se a autoridade for dividida entre diversas pessoas. A fim de que a virtude da caridade permaneça sempre convosco, eu quero que, depois de minha morte, todos dependam de Dom Rodolfo, como dependeram de mim durante a minha vida. Adeus."

Pede ainda que o monge Rústico escreva num pergaminho sua profissão de fé perante os irmãos que representavam a Igreja, manifestando isto de modo a ser entendido como um exemplo a ser seguido, ou seja a fidelidade até o fim à doutrina que a Igreja pregava. Ele professa:

“Eu, João, creio e confesso a fé que os Santos Apóstolos pregaram e os Santos Padres confirmaram nos quatro Concílios.”

Deste modo, rodeado e pranteado por seus monges, beija este pergaminho, pedindo que este lhe fosse colocado na mão direita e sepultado com ele. Assim, entrega sua alma a Deus nos claustros daquele mosteiro, deixando a continuidade de sua memória à fiel observância de seus monges.

Sua única preocupação era a defesa de uma Igreja autêntica, alicerçada nos ensinamentos de Jesus Cristo, no testemunho dos Apóstolos, na tradição transmitida pelos santos Padres e na busca de santificação que deve acompanhar toda pessoa que deseja se consagrar a Deus, na vida monástica.

Antes de morrer, João Gualberto tomou conhecimento de que o seu conhecido e defensor, o arqui-diácono Ildebrando, fora eleito para a Sede de Pedro, eleito papa com o nome de Gregório VII. Essa notícia lhe trouxera muita alegria, pois sabia estar o governo pontifício da Igreja sob uma boa direção, de alguém que como ele sempre se empenhou em extirpar as heresias, distinguindo-se entre outros empenhos, pela luta contra a simonia.

Algum tempo depois de sua morte, aquele que era considerado um homem santo, por seus feitos e ensinamentos, logo começava a ser aclamado como santo pela população, e por sua intercessão começam a ser realizados diversos milagres³¹.


31 É interessante ressaltar que São João Gualberto foi um dos primeiros santos a ser canonizado pela Igreja por meio de uma apurada, profunda e científica investigação, fato que hoje se tornou praxe da Igreja no processo de canonização, ainda que naquele tempo não fosse tão detalhado como hoje.

O reconhecimento que a população e a Igreja fazem para com nosso santo, rememoram a experiência de todos aqueles acontecimentos, como realidades que se deram de acordo com os planos de Deus, são uma resposta corajosa do ser humano. Esses feitos já estão sendo contados e lembrados há muitos séculos, de modo que também nós somos chamados a continuá-los³².

32 Em 1973, o abade geral D. Guiseppe Zambenardi, por ocasião das comemorações do nono centenário da morte de São João Gualberto, realizou a exumação do corpo do santo, no intuito de recolher seus restos mortais para colocá-los num relicário (de 1400) dentro de um belíssimo busto artesanalmente feito de ouro e prata.

Neste importante evento estavam presentes muitos monges, diversas autoridades eclesiásticas, autoridades civis, médicos e legistas. Dentre os monges que ali estavam presentes, dois brasileiros assistiram aos trabalhos, observando todos os detalhes e momentos. Foram eles: Ir. Antônio Viana dos Santos e Ir. Valdir Vicente dos Santos (já falecido). Esses dois irmãos relataram que o pergaminho contendo a profissão de fé de São João Gualberto ainda se encontrava em ótimas condições de conservação (hoje está guardado nos arquivos reservados da Congregação). Ir. Antônio ainda ressalta que na sepultura haviam algumas moedas da época (para esse fato não podemos afirmar se tratar de um costume de época, de cunho eclesiástico ou civil do tipo dízimo ou tributo, uma vez que não se encontram referências ou citações históricas que comprovem tal costume, todavia, penso se tratar de uma recordação cronológica, que se deu por iniciativa de alguma autoridade eclesiástica sensível à demarcação do período histórico, recorrendo ao uso das moedas, por conterem data e assim demarcarem tempo, lugar e governo).



*Na Abadia de Passignano, o testamento espiritual,
a profissão de fé e a morte*



Fotografia: Marcello Vitorino/Fullpress

Ainda que a morte demarque um separação física, ela não dá fim ao espírito, aos ideais. Assim, os seres humanos, com seus atos escrevem a história humana, tornando-se sempre presentes, através da memória, comunicada entre as gerações. Seja por sua obra, bem como por seus ensinamentos, seja por sua fidelidade a seus ideais, eles são heróis que transmitem vitalidade. A vida para eles teve um sentido maior, porque foram capazes de perseverar até o fim como se esse fosse ainda o começo, sempre revitalizando suas energias através do cultivo da virtude da esperança. Revestiram-se de força e coragem para perseverar, tal como também se tornaram abertos a todos os questionamentos, pelo fato de que primavam pelo diálogo com a história humana, no intuito de escrevê-la com mais expressões de amor e alegria. Eles são heróis místicos, que se fazem modelos de seguimento de Cristo.



Sugestões para Lectio Divina
(LEITURA ORANTE DAS SAGRADAS ESCRITURAS)

- * Rm 12,9-21
- * 1Cor 13,1-13
- * Gl 5,13-26

Sugestões para reflexão

- * Será que ainda considero a caridade como uma virtude?
- * Que tipo de vínculos tenho buscado estabelecer com as pessoas?
- * Como anda a minha fidelidade ao amor a Deus e ao próximo?



s tempos que se seguiram à morte de João Gualberto foram tempos difíceis para a Igreja, sobretudo no que diz respeito às heresias e ao seguimento das verdades de uma autêntica doutrina. Todo o seu empenho e zelo na orientação do clero, na formação de monges, na vivência particular da experiência de vida monástica, incidiam diretamente numa perspectiva de formação de um caráter eclesial, que manifestava um sentido de ser Igreja e o papel desta na missão de santificação do mundo.

O empenho de João Gualberto, neste sentido, sempre buscou defender a ortodoxia da fé através de um envolvimento de evangelização, tal como a história beneditina já apresentava como uma realidade tão importante e necessária para a Europa, isto é, de um intenso ardor missionário³³.

Desta forma, podemos entender que o ideal de São João Gualberto expandiu-se por força da bênção de Deus, através da ação do Espírito Santo, como uma referência qualitativa e quantitativa, muito embora com um ritmo, até hoje bastante modesto³⁴.



33 Não devemos compreender o termo missionário no horizonte de interpretação do monaquismo, através das referências dadas pelas congregações modernas. O espírito missionário sempre fez parte do monaquismo, mesmo antes de São Bento, por conta de que esse espírito faz parte das exigências evangélicas de um “Ide por todo o mundo e pregai o Evangelho a toda criatura” (Mc 16,15), no sentido de ser uma resposta de cooperação humana com a obra de Deus, de antecipar o Reino de Deus.

Em momento algum o monaquismo desprezou essa ordem de Jesus, mas os monges sempre evangelizaram dentro de suas experiências de vida monástica, na liturgia, na participação no governo da Igreja (em toda a história da Igreja foram mais de 5.000 bispos, centenas de cardeais e 23 papas), na formação do clero (escolas filosóficas e teológicas, sendo que hoje existem a Universidade Pontifícia Ateneu Santo Anselmo que atende a estudantes do mundo inteiro, especificamente na área da Liturgia, e ainda diversas outras Universidades, de diversas áreas do saber).

Entretanto, é oportuno ressaltar o papel eminentemente missionário de evangelização que os monges beneditinos tiveram na Europa, evangelizando nações como Inglaterra, Alemanha, países eslavos, Holanda, etc., onde a forte e marcante presença beneditina, sempre respondia aos apelos da Igreja de seu tempo.

34 Aqui podemos ainda explicitar que não foi apenas o ramo masculino que se expandiu. Muito próximo ao pós morte de São João Gualberto surgia também o ramo feminino

Como já mencionamos anteriormente, os valombrosanos nasceram como um pequeno grupo que em função específica de uma vida mais reclusa, centrando sua vida na vivência da oração e do trabalho, no empenho da eliminação das heresias e contribuindo na formação e orientação do clero e do Povo de Deus, no sentido de fortalecê-los na vivência de uma reta doutrina.

Assim, aos poucos foi estruturando suas dimensões congregacionais (aliás, na época de São João Gualberto existiam poucas congregações beneditinas, tais como: Cluniasense, Camaldolensi, etc.), vivenciando por conta do testamento espiritual de São João Gualberto uma tendência de centralização de governo, algo até então pouco observado. Assim, nascia mais uma Congregação Beneditina, que séculos depois se expande além Europa³⁵.

Em 12 de janeiro de 1949, o Abade Geral D. Emiliano Lucchesi OSB, a pedido do Arcebispo de São Paulo D. Carlos Carmelo de Vasconcellos

formado pelas monjas valombrosanas, que nasceu de alguns mosteiros de monjas beneditinas já existentes que aderiram à influência da expansão valombrosana. As monjas valombrosanas tiveram também um certo crescimento numérico, todavia, restringiram-se apenas à Itália. Nomes de destaque entre as mojas foram: Santa Humildade, Santa Berta...

Mais recentemente, em 09 de julho de 1975, por iniciativa do ex abade geral (D. Giuseppe Zambenardi) foi fundado um ramo de irmãs, originárias da Índia, que professam a Regra de São Bento, levando uma vida mais ativa. Elas são chamadas de "Pequenas Filhas de São João Gualberto", que rapidamente cresceram em número e santidade, mantendo casas na Índia e Itália. Essas irmãs foram agregadas à Congregação Beneditina Valombrosana, por iniciativa do Abade Geral D. Lorenzo Russo, no capítulo Geral de 1995.

35 Historicamente a congregação valombrosana, somente com a Bula Pontifícia "Cum universis" do papa Urbano II, datada de 06 de abril de 1090, receberá uma conotação especial de organização sob a forma de congregação. Isso pode ser observado através desse documento pontifício, que parece ser o primeiro ordenamento jurídico para a congregação, dando aos mosteiros valombrosanos a proteção apostólica, e estabelecendo que o Abade de Valombrosa, "omnibus praeest" (com poder de presidência), seja eleito por esta comunidade somados aos votos dos superiores de todos os outros mosteiros. Nesse sentido, é oportuno mencionar que a carta do papa Gregório VII (de 1073) por ocasião da morte de João Gualberto apenas dirigia-se às comunidades locais, e não a uma congregação enquanto tal.

Motta e de uma anterior solicitação do papa Pio XI às diversas congregações religiosas (1926, “Rerum Ecclesiae” para que fundassem casas no Hemisfério Sul), envia alguns monges ao Brasil, especificamente para São Paulo, um estado fortemente marcado pela presença da colônia italiana.

Os monges se fixaram na periferia da cidade de São Paulo, que naquele tempo era deserta, considerada um meio rural, pelos seus pequenos caminhos de terra batida, onde animais viviam soltos, e a rea-



Através da bula de Urbano II podemos entrever uma gênese de uma centralização do governo da congregação na figura do abade de Valombrosa. Já com um dos primeiros sucessores de São João Gualberto, o cardeal e bispo de Parma, São Bernardo dos Ubertos (morto em 04 de dezembro de 1113), se pode observar a figura do Abade Maior, a quem os monges e os mosteiros deviam obediência.

Dando curso à história, em 1432, dá-se uma pressão sobre a Congregação Valombrosana e outras, no sentido de aderirem à reforma de Santa Justina (nome proveniente da Abadia de Santa Justina de Pádua, que com a eleição do abade D. Ludovico Balbo em 06 de fevereiro de 1409, inicia esta reforma, em meio a um grande florescimento vocacional, e possuindo uma constituição bastante centralizadora, onde o abade de Santa Justina era a principal autoridade da congregação).

Essa reforma apresentava uma estrutura de governo bastante centralizadora, na qual os monges e os mosteiros dependiam diretamente do abade presidente e do seu definitório, que em capítulos anuais decidia sobre a vida e formação de cada mosteiro. O papa Eugênio IV para dar força à reforma justiniana, por meio de bulas papais estabelece algumas normas para toda a congregação e os mosteiros a elas filiados: supressão do abaciado vitalício, autonomia das casas, fixação da estabilidade dos monges na congregação e não nos mosteiros, autoridade única e suprema do capítulo geral anual com os definidores e visitantes, composição dos capítulos por superiores e delegados dos mosteiros etc.

Por insistência do papa Eugênio IV, em 1437 a reforma de Santa Justina é introduzida na Congregação Valombrosana. Entretanto, por força da tradição valombrosana os mosteiros da congregação conservaram a concepção do ofício de abade como vitalício e a estabilidade dos monges nos seus próprios mosteiros, ainda que isso trouxesse certo mal estar, porém nos aspectos mais amplos a incidência da reforma justiniana foi bastante extensa e influenciou os aspectos constitucionais dos valombrosanos por séculos.

Depois de 487 anos o sistema constitucional da Congregação de Santa Justina acaba e os valombrosanos retornam ao governo segundo o espírito dos antigos pais. Dando-se anos mais tarde elaboração e aprovação pela Santa Sé das novas Constituições, por meio de um processo que se iniciou com o abade geral D. Giuseppe Zambernardi (1972) e se concluiu com uma revisão do capítulo geral, durante o abaciado geral D. Lorenzo Russo (1991).

lidade era de uma vida bucólica, mais se parecia com a vida de uma pacata cidade do interior, e não de parte integrante de uma das maiores metrópoles do mundo.

Devido à carência de clero, os monges valombrosanos, recém chegado e um tanto desacostumados às exigências de intensa vida pastoral, repetiram, em escala muito menor, é claro, a história do movimento de um monaquismo missionário na Europa, sobretudo entre os séculos X e XV³⁶.

Como sempre, o monaquismo beneditino se faz sensível aos apelos da Igreja, e com a aceitação dos monges valombrosanos, movidos por um profundo espírito cristão, contribuem no anúncio de Jesus Cristo Ressuscitado a um povo sedento de Deus.

Assim, se pela atividade missionária e pelo importante e fundamental papel cultural e litúrgico dos monges beneditinos, a Europa acolheu São Bento (o patrono do monaquismo ocidental) como um de seus patronos, ela agora mais uma vez (com outra Congregação Beneditina) partilha o seu patrono, através da presença Valombrosana no Brasil³⁷.

A expansão valombrosana no Brasil foi um tanto tímida, pelo fato de que nunca dispôs de um grande número de monges vindos dos mos-

36 É preciso considerar que naquele tempo o clero brasileiro estava envolvido numa crise vocacional muito grande, de modo que o clero nativo era bastante reduzido. A necessidade da Igreja era imensa, e frente aos pedidos dos bispos e a necessidade espiritual do povo, os primeiros monges se dedicaram a um profundo trabalho pastoral, porém sem abandonarem sua vocação primeira, a de serem monges.

Deste modo, a importância dos primeiros monges valombrosanos no Brasil, cumpriu perfeitamente sua dimensão eclesial, lançando as bases cristãs a uma população carente do anúncio da boa nova do Evangelho. Eles foram os “catequisadores” de boa parte da região de Pirituba, onde erigiram diversas Igrejas e capelas, que depois foram entregues à Arquidiocese de São Paulo.

37 Outras Congregações Beneditinas, naquele mesmo período histórico, tanto antes como depois, assumiram o mesmo empenho missionário no Brasil, ajudando zelosamente no anúncio do Evangelho, dentro do mais genuíno espírito monástico. Cito por exemplo as Congregações: Húngara, Americana Cassinense, Camaldulensi, Olivetana, etc.

teiros italianos. Além da cidade de São Paulo, a presença valombrosana percorreu outros municípios brasileiros, ainda que a título de conhecimento local e breve experiência: Santo André (SP), Poços de Caldas (MG), Apucarana (PR) e Jundiáí (SP). Nesta última cidade construiu-se uma dependência, que contou por longo tempo com uma pequena comunidade, e que recentemente foi revitalizada, possuindo hoje uma pequena comunidade.

Uma das principais preocupações de São João Gualberto, dizia respeito aos aspectos sociais da vida cotidiana. Isso refletia seu profundo caráter ético cristão e sua virtuosa caridade. Tal postura, eminentemente cristã, os monges valombrosanos que vieram para o Brasil trouxeram como um tesouro recebido, conservado e cultivado, com muito amor e dedicação, sem também medirem esforços para enfrentarem as dificuldades físicas e financeiras.

Deste modo, no campo das obras sociais, os valombrosanos erigiram o Instituto Social São João Gualberto que além de diversos auxílios materiais a pessoas carentes construiu obras sociais de relevante importância, tais como: Creche Valombrosana, Educandário Pier'Angela, Creche D. Rodolfo Cherubini OSB.

Em São Paulo (Pirituba), construíram anexados ao Mosteiro e à Igreja Monástica (dedicada a Nossa Senhora da Assunção), o Colégio São João Gualberto, que até hoje é um dos mais tradicionais da região, e um dos mais bem avaliados pela crítica educacional da região.

Ainda que todas essas obras sociais, não tenham tantos monges no trabalho direto, devido ao número de monges disponíveis, refletem uma grande sensibilidade social do monaquismo, como contribuição e fundamento de se ter um projeto cristão para tais instituições, como identificação da sacralidade que Deus concedeu à vida. Trata-se de um campo de ação, onde são oferecidas orientações cristãs e monásticas, que incidirão diretamente sob a aquisição de consciência de se buscar um sentido cristão para alicerçar a sociedade.

Quanto às comunidades hoje existentes, são bastante jovens e têm dado uma orientação menos pastoral à sua vivência monacal, aliás, ten-

dência essa que já vinha sendo antecipada por diversos monges já há algum tempo³⁸.

A expansão não foi só para o Brasil, há 14 anos atrás os valombrosanos, abriram uma fundação masculina na Índia, que hoje já conta com uns 10 monges professos solenes, e mais diversos professos simples, noviços e postulantes, perfazendo um total aproximado de uns 35 membros, distribuídos por 3 mosteiros. Quanto aos monges indianos, eles são de um outro rito ligado a Roma, pertencem ao rito Sírio Malabar³⁹.

38 Talvez seja oportuno ressaltar que muito embora os mosteiros valombrosanos admitam que suas Igrejas recebam o título de Paróquia, que em primeira instância é confiada à Congregação, o Abade ou Prior Conventual nomeia um monge sacerdote para exercer o encargo de Pároco, de modo que este deve conciliar sua função com a observância da vida monástica, sendo, todavia, auxiliado pela sua comunidade.

Esse monge pároco deve residir no mosteiro, tendo também suas funções internas conservadas, à medida do possível. Quanto ao restante da comunidade, pode manter-se privada das atividades pastorais, por não se tratar de tradição valombrosana, dedicando-se à vida claustral, aos trabalhos internos e ao “Opus Dei”.

39 O início dos contatos com os indianos se deu por iniciativa do abade geral D. Lorenzo Russo, que em 1988 atendendo ao pedido do Bispo indiano (D. Kuriakose Kunnakerry, Diocese de Kottayam), desejoso de ter uma fundação beneditina em sua diocese, recebe com a aprovação do Conselho Generalício alguns postulantes à vida monástica (sacerdotes e estudantes de filosofia e de teologia), na Abadia de Valombrosa, onde seriam formados, recebendo a tradição monástica e posteriormente ampliarem suas formações acadêmicas. Ao total, permaneceriam nos mosteiros italianos, aproximadamente por 6 anos, onde desempenhariam também um grande e nobre auxílio àquelas comunidades.

Hoje os monges indianos são dependência da Abadia de Nossa Senhora do Montenegro (Livorno – Itália), porém a maioria deles já retornou à Índia e um deles foi nomeado Bispo Auxiliar da diocese de Kottayam, onde existe um dos mosteiros (D. Mateo Moolakkat). Em janeiro de 2000 deu-se a ereção canônica de um dos Mosteiros dependentes na Índia, sendo que também nesta data a Santa Sé autorizou um noviciado próprio, em função da distância geográfica e das diferenças culturais, para com a tão distante Europa.

Quanto à região em que os monges indianos estão, é composta de aproximadamente cerca de 20 % de cristãos (católicos, protestantes, pentecostais etc.), 23 % de muçulmanos e 57 % de hindus, havendo diferenciações muito significativas de região para região, de modo que existem estados onde a população cristã varia entre 3 a 5 %, tal como existem também diferenciações numérica entre hindus e muçulmanos.

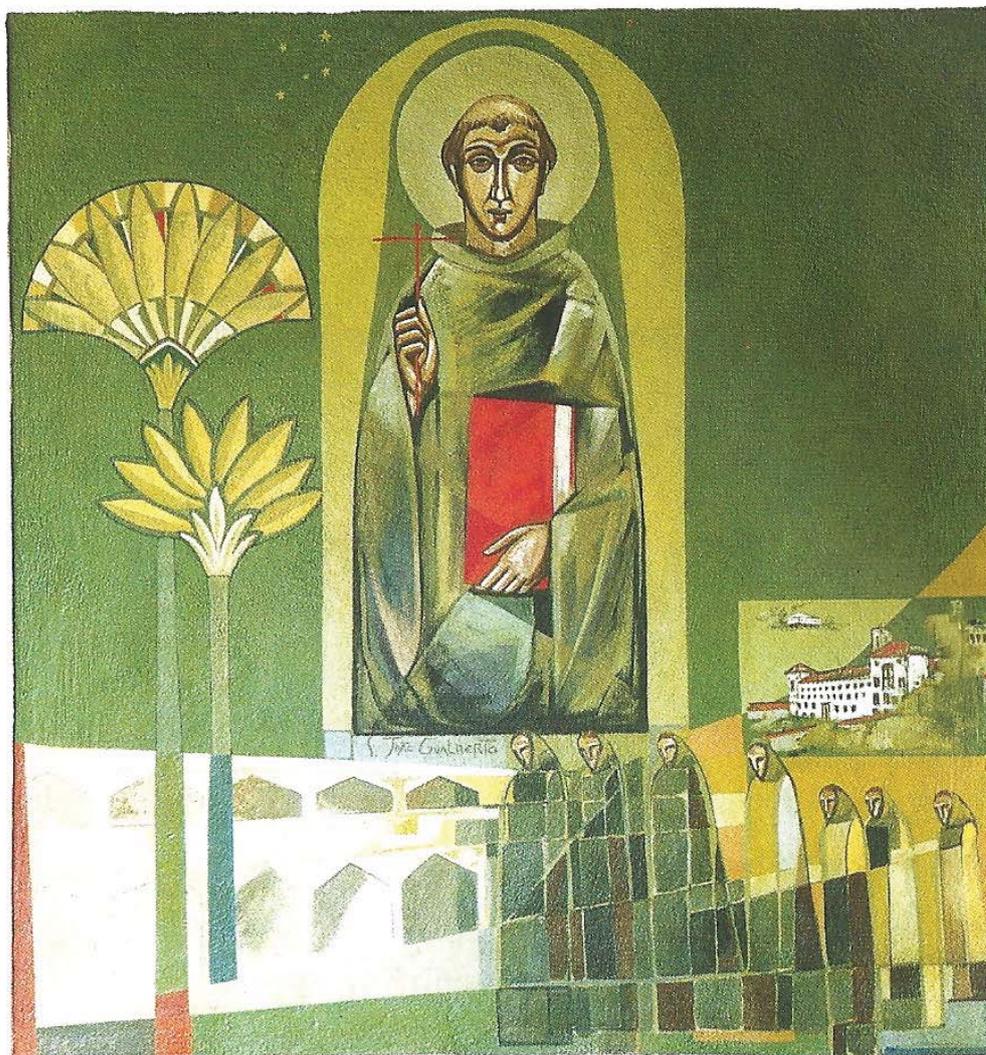
Todas as comunidades valombrosanas, dentro e fora da região da Toscana, manifestam uma profusão e um alcance que a iniciativa de São João Gualberto teve, de sua importância, como expressão de uma dimensão de profunda e autêntica eclesialidade, como um campo aberto de expansão do ideal monástico vivenciado pelas tradições e costumes de Valombrosa.

Assim, a busca de santidade nas realizações cotidianas, observadas nos exemplos deixados por nosso santo ganham através da continuação das experiências de amor e de perdão, caracterizações especiais de uma abertura e de um diálogo com o tempo, com a cultura, e com o espaço, como modelos sempre muito atuais de uma autêntica vida cristã, sobretudo, tão necessária ao nosso mundo marcado por um elevado índice de intolerância.

Através da transmissão da memória de São João Gualberto, a vida monástica, em especial do monge beneditino valombrosano; os guardas florestais, de quem ele é o patrono; as pessoas que tiverem conhecimento de sua vida; enfim, a Igreja como Povo de Deus, poderão continuar a vivenciar nos exemplos desse santo homem uma mesma fecundidade espiritual, “para que em tudo seja Deus glorificado” (RB 57,9).

M

Vinda dos monges da Abadia de Valombrosa para o Brasil



Fotografia: Marcello Vitorino/Fullpress

O ideal assumido por João Gualberto se propagou pela força do Espírito Santo. Por isso ele conseguiu atravessar todas as barreiras e dificuldades que se interpuseram no seu caminho. Trata-se de uma força missionária, que pela presença do Espírito Santo de Deus escreve a história universal do monaquismo, da Igreja. Assim, um ideal que parecia ser local, expandiu-se, de modo que uma mensagem que brotou num espaço físico, inicialmente restrito, passou a germinar em outros campos, fazendo com que as pessoas tomassem conhecimento daqueles fatos e atos que marcaram uma época, decidindo-se também elas por revivê-los em suas vidas. Isso se dá por conta da transmissão da tradição, como realidade de comunicação e diálogo no tempo, no espaço e entre as gerações, isto é, são ensinamentos de vida tão fortes que são capazes de ao contarmos os relatos, contribuímos para que eles continuem suscitando admiração e desejo de continuação do mesmo ideal de vida cristã. Assim, mantemos a memória dos atos e ensinamentos dos nossos antecessores, como perspectiva de que um dia também nós seremos lembrados.

M

Sugestões para Lectio Divina
(LEITURA ORANTE DAS SAGRADAS ESCRITURAS)

* Mt 28,16-20

* Sl 22

* At 4,32-35

Sugestões para reflexão

- * Como é que tenho reconhecido a presença do Espírito Santo no meu cotidiano?
- * Como é que tenho vivido a dimensão missionária em minha comunidade?
- * Como tenho lidado com os novos desafios que a vida apresenta?

Tabela cronológica



- 995 – 1005 Período em que São João Gualberto nasceu, provavelmente antes do ano 1000.
- 1025 – 1028 Entre esses anos se deu o fato mais marcante de sua história, o perdão do assassino de seu irmão Ugo, e sua entrada no mosteiro de São Miniato (nas colinas de Florença).
- 1035 – 1036 Denúncia pública do abade do Mosteiro de São Miniato (Uberto) e do bispo de Florença (Pedro Mezzabarba) como simoníacos.
- 1038 Consagração do altar do oratório do Mosteiro de Vallombrosa.
- 1040 – 1050 Nascem as primeiras dependências de Vallombrosa: São Salvatore a Settimo, São Cassiano di Montescalari, São Paolo di Razuolo, São Pietro di Moscheta, São Salvi presso Firenze, São Michele di Badia a Passignano.
- 1047 Primeiro sínodo romano contra a simonia.
- 8-15 de abril de 1049 Sínodo romano contra a simonia, presidido pelo papa Leão IX.
- 29 de abril a 2 de maio de 1050 Novo sínodo romano contra a simonia e o concubinato do clero.

- 1050 João Gualberto se encontra com o papa Leão IX, recebendo deste estímulo na luta contra as heresias da época.
- 1051 Terceiro sínodo de Leão IX sobre a validade das ordens administrativas dos simoníacos.
- 4 de junho de 1055 Encontro com o papa Vittorio II, no Sínodo de Florença, que reconhece a nova Congregação Monástica.
- 9 de julho de 1058 O cardeal Umberto di Silva Candido consagra a Igreja de Vallombrosa.
- Abril de 1060 Sínodo romano no qual são emanados os 6 cânones de Nicolau II contra a simonia. Entre tantas decisões torna-se proibida a participação nos ritos celebrados pelos simoníacos.
- 1060 Auge da luta contra os simoníacos: primeira missão de monges a Milão.
- 1066 Participação dos monges valombrosanos no sínodo de Roma, onde acusam o bispo de Florença.
- 13 de fevereiro de 1068 Prova do fogo, no mosteiro São Salvatore a Settimo.
- 31 de março de 1068 Deposição do bispo de Florença, Pedro Mezzabarba.
- 1066 Outra missão de monges a Milão.
- 22 de abril de 1073 Eleição do arqui-diácono Ildebrando (com quem João Gualberto tinha bastante contato) como papa, recebendo o nome de Gregório VII.
- 12 de julho de 1073 Morte de São João Gualberto, em São Michele di Badia a Passignano.
- 1 de outubro de 1193 Canonização de São João Gualberto, pelo papa Celestino III.

- 19 de janeiro de 1949 Vinda dos monges valombrosanos para o Brasil.
- 12 de janeiro de 1951 Breve Pontifício do Papa Pio XII proclamando São João Gualberto como patrono dos guardas florestais.
- 24 de abril de 1957 O papa Pio XII nomeia S. João Gualberto como celeste patrono dos guardas florestais do Estado de São Paulo.
- 3 de novembro de 1967 Ereção Canônica do Mosteiro de São João Gualberto, dependência da Abadia de Valombrosa.
- 1978 Abertura da dependência do Mosteiro de Nossa Senhora do Montenegro, Jundiáí (SP).
- 2000 Ereção do Mosteiro "Gualbert Bhavan", na Índia (Bangalore-Karnattaka), pela Abbazia di Montenero, sob jurisdição do abade geral D. Lorenzo Russo, e posterior Abertura de outras duas dependências na Índia (Seminário menor "Carlos Dayara", Kottayam-Kerala e "St. Kuriakose Public School", Kadhathuruty-Kerala).
- 20 de janeiro de 2002 Revitalização do Mosteiro de N. Senhora do Montenegro, Jundiáí, pelo Mosteiro de S. João Gualberto, Pirituba (SP).

Bibliografia



- BÖCKMANN, osb, Aquinata. *Perspectivas da Regra de São Bento: comentários sobre o prólogo capítulos 53, 58, 72, 73*. Rio de Janeiro: Edições Lumen Christi, 1990.
- CABITZA, M. Ildegarde osb. *L'Ascolto del Monaco*. Pontassieve: Tipografia Nazionale, 1979.
- CÀNOPI, Anna Maria osb. *Mansuetudine. Volto del Monaco*. Noci: Edizioni la Scala, 1995.
- CARACCIOLO, M. Giovanna. *Lineamenti Storici del Monachesimo. Dalle origini fino ai nostri giorni*. Piedimonte Matese: Pro Manoscritto, 1978.
- CARINI, C. et alii. *La mediazione culturale del monachesimo*. Parma: Tipolitografia Benedittina Editrice, 1987.
- COLOMBÁS, García M. *Il Monachesimo delle origini. La Spiritualità*. Milano: Jaca Book, 1990.
- DANIEL-ROPS. *A Igreja das Catedrais e das Cruzadas*. São Paulo: Quadrante, 1993, vol. 3.
- DELATTE, Paul. *Commentario alla Regola di S. Benedetto*. Bergamo: Edizioni S.E.S.A., 1951.
- GOFFÉ, Jacques Le. *Os Intelectuais na Idade Média*. São Paulo: Brasiliense, 1995.
- GRÉGOIRE, Réginald osb. *Giovanni Gualberto e il suo Messaggio*. Valombrosa: Edizioni Vallombrosa, 1996.

- KEMPIS, Tomás de. *Imitação de Cristo*. São Paulo: Editorial Dom Bosco, 1967.
- LUCCHESI, Dom Emiliano. *São João Gualberto*. São Paulo [s. ed.] 1956.
- MÁRIO, Curtis Giordani. *História do Mundo Feudal*. II/2. *Civilizações*. Petrópolis: Vozes, 1997.
- MARMION, Columba osb. *Jesus Cristo ideal do monge*. Porto: Edições Ora & Labora, 1962.
- PASSIGNANO, Gregorio. *La Vita Iohannis Gualberti*. Valombrosa: Edizioni Vallombrosa, 2002.
- PENCO, Gregorio. *Spiritualità Monastica. Aspectti e Momenti*. Praglia: Edizioni Scritti Monastici, 1988.
- REBSTOCK, P. Bonaventura osb. *La Scuola del Signore*. Sorrento, 1958.
- SPINELLI, Giovanni e ROSSI, Giustino. *Alle Origine di Vallombrosa. Giovanni Gualberto nella Società dell' XI secolo*. Venezia: Europia, 1991.
- VASATURO, R. Nicola. Et alii. *Archivio Vallombrosano*. Valombrosa: Edizioni Vallombrosa, 1994, 4 vol.
- _____. *Acta Capitulorum Generalium Congregationis Vallis Umbrosae*. Roma: Edizioni di Storia e Letteratura, 1985.
- ZAMBERNARDI, Giuseppe. *Foresta che Vive*. Valombrosa: Edizioni Vallombrosa, 1977.
- _____. *Cammina com la Chiesa*. Valombrosa: Edizioni Vallombrosa, 1977.
- Regra de São Bento.
- Iniciação à História Monástica (Notas). Petrópolis: Mosteiro da Virgem, 1985, 3 vol.
- Dicionário temático do ocidente medieval. Coordenação Jacques Le Goff e Jean-Claude Schmitt. São Paulo: EDUSC – Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2002, 2 volumes.
- L'Eco del Santuario di Montenero (Livorno): n. 4/2001, 1-3-4-5 e 6/2002.
- L'Osservatore Romano. 24 de março de 1999.

Atas de Capítulos Gerais e Locais.

Arquivos reservados da Congregação Beneditina Valombrosana.

Catalogus Monasteriorum O.S.B. Monachorum. Romae: Editio XIX, 2000.

Anotações pessoais de período de formação transmitidos oralmente.

Bíblia Sagrada.



Editoração, Impressão e Acabamento
Rua 1822, n. 347 • Ipiranga
04216-000 SÃO PAULO, SP
Tel.: (0**11) 6914-1922



Mosteiro de São João Gualberto

R. Dr. Argemiro Couto de Barros, 220
05142-040 Pirituba, São Paulo, SP
Tel: 0**11-3832-1306 / 3831-7900
Fax: 0**11-3831-4817
e-mail: msjgualb@zaz.com.br



Mosteiro de N. Sra. do Montenegro

Av. Dr. Nelson Vilaça, 50 – Jd. do Lago
13203-520 Jundiaí, SP
Telefax: 0**11-4526-1087



D. Robson Medeiros Alves, OSB é monge beneditino, sacerdote, Prior do Mosteiro de São João Gualberto, filósofo, teólogo, mestre em Ciências da Religião e doutorando em Ciências Sociais (Antropologia) pela PUC-SP.
e-mail: robsonfr@zaz.com.br

Antiphona

S. Joannis Gualberti, Abbatis Vallisumbrosae



v.

an-cte*Jo-an-nes,

Christi confes-sor, au-di ro-gan-

tes ser-vu-los; et im-pe-tra-tam

cae-li-tus, no-bis de-fer in-dul-

gen-ti-am.